

Cátia Isabela Oliveira Santos



Relações entre a autoestima e a vinculação ao pai, à mãe e aos pares, em adolescentes
dos 15 aos 18 anos

Porto,

2021

Cátia Isabela Oliveira Santos

Relações entre a autoestima e a vinculação ao pai, à mãe e aos pares, em adolescentes
dos 15 aos 18 anos

Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde, sob a orientação da Prof. Doutora Ana Rodrigues Costa.

Resumo

O presente estudo tem como objetivo geral estudar as relações entre a autoestima e a vinculação à mãe, ao pai e aos pares em adolescentes. Foi estudado o comportamento destas variáveis dependentes em função do sexo, idade, ano de escolaridade, nível socioeconómico e as pessoas com quem os participantes vivem habitualmente. Participaram neste estudo 108 adolescentes do sexo feminino e masculino, dos 15 aos 18 anos, do 10º, 11º e 12º ano de uma Escola Secundária do Grande Porto. Foram administrados três instrumentos para recolha de dados, um Questionário Sociodemográfico, a escala *Adolescent Self-esteem Questionnaire* - (ASQ) que avalia a autoestima e a escala *Inventory of Peer and Parental Attachment* - (IPPA) que avalia, respetivamente, a vinculação à mãe, ao pai e aos pares.

Os principais resultados apontam para a existência de diferenças significativas quando se relaciona a autoestima com o sexo e a idade dos adolescentes. Verificou-se que os rapazes apresentam valores superiores de autoestima e que com o aumento da idade, os valores de autoestima aumentam tanto para os rapazes como para as raparigas. No que diz respeito à vinculação existem relações significativas em função do sexo. Verificou-se que os rapazes apresentam valores superiores quanto à vinculação à mãe e ao pai. No que diz respeito à relação entre a vinculação à mãe e ao pai e a vinculação aos pares foram encontradas relações significativas. Isto sugere que existe uma transferência da qualidade da vinculação aos pais para o estabelecimento de relações dos adolescentes com os pares. Foram também encontradas relações significativas entre a vinculação à mãe, ao pai e aos pares e a autoestima.

Palavras-chave: Adolescência, Autoestima, Vinculação aos Pais e Vinculação aos Pares

Abstract

The present study aims to study the relationship between self-esteem and attachment to the mother, father and peers in adolescents. The behavior of these dependent variables was studied according to the sex, age, socioeconomic level and people with whom the participants usually live. 108 female and male adolescents, aged to 15 to 18, from 10th, 11th and 12 th grades of a Secondary school in Porto, participated in this study. Three instruments were administered for data collection, a Sociodemographic Questionnaire, the Adolescent Self-esteem Questionnaire (ASQ) – scale which assesses self-esteem and the Inventory of Parent and Peer Attachment – (IPPA) scale which assesses respectively, the attachment to the mother, to the father and to peers.

The main results show the existence of significant differences when relating self-esteem to the gender and age of adolescents. It was found that boys have higher self-esteem and that with increasing age, self-esteem values increase for both boys and girls. With regard to attachment, there are significant relationships associated to sex. It was found that boys have higher values in terms of attachment to the mother and father. Significant relationships were found between the attachment to the mother and father and the attachment to peers. This suggests that there is a transference of the quality of attachment to parents to the establishment of relationships between adolescents and peers. Lastly, significant relationships were also found between attachment to the mother, father and peers and self-esteem.

Key words: Adolescence, Self-Esteem, Peer and Parental Attachment

Agradecimentos

Ao longo de todo o meu percurso académico, acompanharam-me na minha caminhada, pessoas com quem muito aprendi e que jamais esquecerei. Na impossibilidade de as referir a todas, expressarei brevemente agradecimento àquelas que mais me marcaram durante este percurso e que me permitiram terminar este trabalho com sucesso.

À Professora Doutora Ana Costa um especial obrigado pela orientação, pelo apoio, pela partilha de conhecimento e experiência.

À direção da escola onde realizamos a recolha de dados, professores e alunos por terem me permitido ter acesso às ferramentas necessárias ao desenvolvimento do meu trabalho e que se disponibilizaram e acederam participar nesta investigação.

À minha família, em especial aos meus pais e ao meu irmão porque sem o apoio deles nada disto teria sido possível.

À minha amiga Mariana Gaspar, em especial, por partilhar comigo esta etapa e sempre me apoiar. Aos meus amigos e colegas que estiveram presentes ao longo do meu percurso académico e que de certa forma fazem parte também do culminar deste trabalho.

Índice

Resumo	iii
Abstract	iv
Agradecimentos	v
Índice	vi
Índice de quadros	vii
Introdução geral.....	1
Capítulo I Autoestima na adolescência.....	4
Introdução.....	4
1.1 Construção do Self e a Autoestima.....	5
1.2.1 Autoconceito e a Autoestima.....	6
1.2 Desenvolvimento da autoestima.....	6
1.3 Fatores protetores e fatores de risco.....	9
Síntese.....	12
Capítulo II Autoestima e vinculação na adolescência.....	14
Introdução.....	14
2.2. Teoria da Vinculação de Bowlby.....	15
2.3. Vinculação aos pais.....	17
2.3.1. Estilos parentais e resultados desenvolvimentais.....	19
2.4. Vinculação aos pares.....	21

2.5. Transferência de componentes da vinculação dos pais para os pares.....	23
2.6. Autoestima e vinculação aos pais e pares.....	24
Síntese	
Capítulo III Estudo Empírico.....	28
Introdução.....	28
3.1 Objetivos do estudo.....	28
3.2 Definição das variáveis.....	29
3.3 Método.....	30
3.3.1 Participantes.....	30
3.3.2 Materiais.....	32
3.3.2.1 Questionário Sociodemográfico.....	32
3.3.2.2 <i>Adolescent Self-esteem Questionnaire</i>	33
3.3.2.3 <i>Inventory of Peer and Parental Attachment</i>	33
3.4 Procedimentos.....	35
IV Resultados.....	38
V Discussão de resultados.....	52
Síntese.....	59
Conclusão Geral.....	60
Referências Bibliográficas.....	64

Índice de tabelas

Tabela 1. Frequências do sexo e da idade para amostra total.....	30
Tabela 2. Frequências do sexo, ano de escolaridade, nível socioeconómico e de com quem vivem para a amostra total.....	31
Tabela 3. Valores de <i>Alfa de Cronbach</i> da escala ASQ.....	38
Tabela 4. Análise fatorial em fatores comuns da escala ASQ, após rotação <i>Direct Oblimin</i>	39
Tabela 5. Valores de <i>Alfa de Cronbach</i> da escala IPPA.....	40
Tabela 6. Análise fatorial em fatores comuns da escala IPPA (subescala da mãe), após rotação <i>Varimax</i>	42
Tabela 7. Análise fatorial em fatores comuns da escala IPPA (subescala do pai), após rotação <i>Varimax</i>	43
Tabela 8. Análise fatorial em fatores comuns da escala IPPA (escala de pares), após rotação <i>Varimax</i>	45
Tabela 9. <i>Teste t</i> para diferenças na Autoestima em função do sexo.....	47
Tabela 10. Correlação de <i>Spearman</i> entre Autoestima em função da idade.....	47
Tabela 11. <i>Teste t</i> para diferenças entre o sexo em função das dimensões do IPPA.....	48
Tabela 12. <i>Teste t</i> para diferenças entre com quem vivem em função das dimensões do IPPA.....	49
Tabela 13. Correlação de <i>Pearson</i> entre as dimensões da escala mãe e pai do IPPA em função das dimensões da escala dos pares do IPPA.....	50
Tabela 14. Correlação de <i>Pearson</i> entre a Autoestima em função das dimensões do IPPA.....	52

Introdução geral

A adolescência é um período em que se verificam grandes transformações biopsicossociais e é, em geral, iniciada com a puberdade e termina com a inserção social, profissional e económica na sociedade. Todo o seu processo maturativo biopsicossocial culmina, ainda, na aquisição da imagem corporal e na estruturação da personalidade cujo processo é constantemente modificado e influenciado pela sociedade. A Organização Mundial de Saúde (OMS) considera que o contexto cultural determina várias formas de se viver a adolescência (Ferreira & Farias, 2010; Pratta & Santos, 2007).

Atendendo às diversas alterações existentes, a adolescência, é encarada como uma fase que afeta também o contexto familiar. Pode-se dizer que esta fase constitui uma transição que evolui de um estado de uma intensa dependência em relação aos pais e/ou as figuras de vinculação para uma condição de autonomia pessoal. Os pais têm um papel central na adolescência, pois oferecem a base inicial, as regras e normas sociais, contudo as necessidades de vinculação são transpostas para os pares. Ou seja, os adolescentes, tendencialmente passam menos tempo com os pais e é importante que tenha sido desenvolvida ao longo dos anos uma vinculação segura com os mesmos. Segundo Bowlby (1969) uma base segura de suporte emocional permitirá que o adolescente se aventure na construção e desenvolvimento de novas formas de vinculação normativas (Ferronha & Pereira, 2016; Granja & Mota, 2018; Pratta & Santos, 2007).

Das características que permitem o estabelecimento de vinculações seguras, segundo Massé et al. (1998), indicadores como o autocontrolo e a autoestima parecem estar relacionados (Ferronha & Pereira, 2016).

Não só de mudanças físicas se dita a adolescência, mas igualmente de alterações ao nível das competências cognitivas e sociais. Deste modo, o autoconceito e a autoestima

assumem-se como conceitos fundamentais a serem considerados. A autoestima é descrita na literatura como um produto de atribuições positivas ou negativas, que a pessoa faz acerca de si, indicando o quão ela se considera capaz (Cruz et al., 2016).

Com este estudo pretendemos analisar as relações entre a autoestima e a vinculação aos pais e aos pares, mas também como estas variáveis interagem com o sexo, a idade, o nível socioeconómico e de com que vivem habitualmente os adolescentes. Desta forma, foi realizada uma vasta revisão da literatura, recorrendo a diferentes fontes científicas com o intuito de ter um bom suporte teórico para o estudo empírico. Participaram neste estudo 108 adolescentes dos 15 aos 18 anos, do 10º, 11º e 12º ano de uma escola secundária do Grande Porto. Foram administrados três instrumentos para recolha de dados, um Questionário Sociodemográfico, o *Adolescent Self-esteem Questionnaire* e o *Inventory of Peer and Parental Attachment*.

Quanto ao enquadramento teórico é desenvolvido ao longo do capítulo I e II. Procedi, inicialmente, no capítulo I, a uma breve apresentação do período da adolescência. Seguidamente é apresentado o conceito da autoestima, como esta se desenvolve durante este período e quais os fatores protetores e de risco associados. No capítulo II é feita uma breve apresentação da Teoria da Vinculação e de seguida é apresentada a vinculação aos pais e aos pares e por fim é feita a associação entre a autoestima e a vinculação aos pais e pares.

Quanto ao estudo empírico são apresentados os procedimentos inerentes à investigação, como os seus objetivos, caracterização das variáveis, dos participantes e materiais administração dos materiais e análise de dados. São os resultados, a discussão sobre os mesmos e finalizamos este capítulo com a síntese. Para finalizar, é feita uma conclusão de todo o estudo, as referências que o integram bem como os anexos.

Para escolha do tema, teve influência o facto de serem escassos os estudos que aprofundam as relações entre a autoestima e a vinculação à mãe, ao pai e aos pares. Do ponto de vista pessoal teve um peso significativo a escolha deste tema por ter realizado o meu estágio curricular no Serviço de Psicologia e Orientação de um Agrupamento de Escolas do Grande Porto. Era frequente a chegada de alunos ao serviço sinalizados pelos pais, encarregados de educação e professores para acompanhamento psicopedagógico e psicológico a que, posteriormente a uma avaliação, eram frequentemente associados problemas ao nível da autoestima e das relações com os pais e pares. Tornou-se, assim, pertinente estudar a relação entre estas variáveis.

Capítulo I | Autoestima na adolescência

Introdução

A adolescência é a fase do ciclo vital que marca a passagem da infância para a vida adulta e é caracterizada por mudanças físicas e psicossociais no adolescente, assim como pela fragilidade das mesmas. Se é difícil marcar-se o seu início, maior é a dificuldade em identificar o seu final. É consensual dizer-se que o seu início acontecerá aos 11/12 anos, sendo que o seu final será alcançado quando tiverem sido conquistados alguns desafios psicossociais como a conquista de autonomia, autoestima, autoconfiança, privacidade, intimidade e diferenciação (Ferreira & Nelas, 2006; Haack et al., 2012).

Segundo Erikson (1972), na adolescência a construção da identidade assume um papel central e encontra-se intimamente relacionada com a autoestima, que é fundamental para o ajustamento psicológico e social nesta etapa. A adolescência é uma fase de moratória psicossocial em que o adolescente procura e experimenta diferentes papéis que o vão preparar para a idade adulta (Eikson, 1972). Moujan (1986) propõe a divisão do processo de aquisição da identidade na adolescência em três etapas: a puberdade, em que o adolescente constrói o novo esquema corporal; a adolescência intermédia, em que se constrói o novo mundo interno, sendo alteradas ideias, objetivos e cognições e a adolescência final, em que se constrói o novo mundo social, com o suporte das identidades já adquiridas. A adolescência pode ser destacada pelo desenvolvimento do autoconceito, autoestima, autonomia, pelo desenvolvimento de um sistema de valores e a aquisição da identidade própria (Baptista et al., 2001; Feliciano & Afonso, 2012).

A formação da autoestima implica um longo processo e, especialmente durante a adolescência, existe um desenvolvimento mais atribulado desta. Embora os níveis de autoestima frequentemente diminuam durante a adolescência, com o avançar da idade

têm tendência para aumentar. Rosenberg (1965) foi pioneiro no estudo da autoestima e afirmou que este construto é obtido a partir da avaliação que a pessoa faz sobre si mesma, sobre as suas capacidades. O autor acrescenta ainda que um nível de autoestima mais elevado se traduz numa maior consideração e respeito sobre si. Wang e Ollendick (2001) afirmou que a autoestima envolve uma avaliação de si mesmo seguida por uma reação emocional em relação a si mesmo (Khalek, 2016). Assim neste capítulo vamos abordar o conceito da autoestima, como se desenvolve ao longo da adolescência e quais os fatores protetores e de risco a que os adolescentes podem estar sujeitos.

1.1. Construção do *Self* e a Autoestima

A imagem que o adolescente constrói sobre si é fundamental para o seu desenvolvimento biopsicossocial, uma vez que irá influenciar o modo como este se relaciona consigo mesmo e com os outros. O *self* é um constructo multidimensional e segundo Harter (1999), as representações que cada indivíduo constrói acerca do seu self permitem interpretar e dar significado às experiências quotidianas vividas, possibilitando a manutenção de uma imagem coerente de si próprio. As construções de tais representações ocorrem sob a influencia de diversos fatores e contextos onde o adolescente está inserido (Bigas, 2016; Custódio et al., 2010).

A autoestima pode ser definida como o resultado do valor que o adolescente atribui aos elementos afetivos e sociais da representação que tem sobre si. Pode, por conseguinte, entender-se como a avaliação que cada um faz do seu autoconceito, essencial para a compreensão do comportamento humano (Feliciano & Afonso, 2012)

Do ponto de vista teórico, Harter (1999) e Coopersmith (1989), defendem que a autoestima tem um carácter multidimensional. Além de uma possível decomposição do construto em dimensões, os autores consideram importante que a autoestima seja avaliada

em diferentes contextos já que os indivíduos podem ter percepções diferentes de si nos diferentes contextos onde estão inseridos (Sbicigo et al., 2010).

1.1.1. Autoconceito e a Autoestima

Não é possível falar-se da autoestima sem se fazer referência ao autoconceito. A autoestima encontra-se relacionada com o autoconceito e sendo estes construtos independentes, relacionam-se positivamente. Pode, ainda, dizer-se que a autoestima resultará da relação entre o autoconceito geral e o ideal, isto é, da forma como o sujeito se percebe e como gostaria de ser (Custódio et al., 2010; Feliciano & Afonso, 2012).

De acordo com Peixoto e Almeida (1999) o autoconceito é entendido como um conjunto de cognições que o sujeito vai elaborando, sobre si próprio, relativamente ao seu desempenho nos diferentes contextos, tarefas e situações específicas em que está envolvido e evolui (Cruz et al., 2016).

O autoconceito é um construto que se funda, principalmente, nas informações que a pessoa tem sobre as suas características e competências e assim é associado muitas vezes à comparação social. O autoconceito assume um carácter fundamentalmente cognitivo enquanto que a autoestima traduz uma componente predominantemente afetiva da representação que a pessoa constrói sobre si (Custódio et al., 2010; Feliciano & Afonso, 2012; Neves & Faria, 2009).

1.2. Desenvolvimento da autoestima

O período da adolescência é importante para o desenvolvimento da autoestima e este processo pode ser estimulado e incentivado tanto pelos pais como pelos professores. É um construto desenvolvimental e dinâmico, por isso, ao longo do tempo altera-se e redefine-se (Quiles & Espada, 2009).

O nível de autoestima está espelhado habitualmente nos comportamentos do adolescente. Adolescentes com níveis mais elevados de autoestima são capazes de influenciar positivamente a opinião e comportamento de outros, de encarar e lidar com novas experiências de forma positiva e com confiança, têm níveis mais elevados de tolerância à frustração, de autocontrole e de resiliência; adolescentes com níveis mais baixos de autoestima apresentam sentimentos de instabilidade emocional que levam à insatisfação com a vida (Khalek, 2016). A baixa autoestima em adolescentes é, maioritariamente, associada à depressão e também a comportamentos desviantes como o consumo de álcool e drogas (Paixão et al., 2018).

O desenvolvimento da autoestima com a idade pode-se representar, segundo Marsh (1992), por uma curva em forma em “U”, evidenciando um declínio da autoestima no início da adolescência, que se reverte no meio deste período e aumenta no seu final e início da idade adulta. A diminuição da autoestima no início da adolescência pode ser explicada pela crescente noção de realismo em oposição à autoavaliação positiva e irrealista característica da infância (Feliciano & Afonso, 2012). Com a entrada na adolescência, devido às transformações físicas e às características do desenvolvimento cognitivo, nomeadamente a aquisição das operações formais, surgem novas possibilidades para se lidar com informação, resultantes da capacidade de abstração. De facto, o pensamento do adolescente é orientado por questões mais abstratas, resultado de alterações nas áreas corticais e subcorticais do cérebro, que lhe permitem inferir estados mentais e perceber a perspetiva social e emocional dos outros. A capacidade de abstração permite que o adolescente pense sobre si e que desenvolva as suas autoperceções que são, nesta fase, mais propícias a distorções e a enviesamentos cognitivos (Anastácio & Lima, 2015).

Feliciano e Afonso (2012) realizaram um estudo em que dois dos objetivos eram avaliar e comparar os valores da autoestima quanto às fases da adolescência e quanto ao sexo. Participaram no estudo 360 adolescentes dos 12 aos 17 anos. Destes, 120 tinham entre 12 e 13 anos (grupo adolescência inicial), 120 entre 14 e 15 anos (grupo adolescência intermédia) e 120 entre 16 e 17 anos (grupo adolescência final). Concluíram que, o grupo da adolescência final é o que apresenta um valor médio de autoestima mais elevado, seguindo-se o grupo da adolescência intermédia e por fim o grupo da adolescência inicial. Concluíram ainda que, os participantes do sexo feminino apresentavam um valor médio de autoestima inferior aos do sexo masculino.

Minev, Petrova, Mineva, Petkova e Strebkova (2018) realizaram um estudo com o objetivo de analisar a correlação entre o desempenho acadêmico e a autoestima com 40 adolescentes, 20 raparigas e 20 rapazes através da Rosenberg Scale (RSE). Concluíram que existem diferenças entre o sexo feminino e masculino nas pontuações de autoestima, ou seja, os rapazes apresentam níveis mais elevados de autoestima do que as raparigas.

Quiles e Espada (2009) defendem que as transformações físicas são muito diferentes do sexo feminino para o masculino na adolescência e parecem influenciar mais as raparigas do que os rapazes, o que pode se repercutir numa autoestima inferior nas raparigas. Harter (1999) explica ainda que, isto pode acontecer por as raparigas no decorrer do desenvolvimento da imagem, valorizarem mais os relacionamentos interpessoais e a opinião dos outros. Contudo podem existir diferenças entre sexos observadas apenas em algumas dimensões da autoestima interferindo consequentemente nos valores da autoestima global (Feliciano & Afonso, 2012).

A trajetória do desenvolvimento da autoestima pode então variar de acordo com o sexo e a idade do adolescente, contudo as diferenças às variáveis culturais também têm sido assunto de debate (Hepper, 2016).

1.3. Fatores protetores e fatores de risco

Trombeta e Guzzo (2002) acreditam que existem fatores de proteção do desenvolvimento que são fortes influenciadores da capacidade de adaptação a situações desadaptativas. Tal capacidade é denominada por resiliência que só é possível quando existe este equilíbrio entre os fatores de proteção e os fatores de risco a que uma pessoa está sujeita (Monteiro et al., 2012; Santos et al., 2008).

Nas ciências humanas, o conceito de resiliência é compreendido como sendo um conjunto de processos intrapsíquicos e sociais que favorecem um desenvolvimento saudável, mesmo que o indivíduo esteja inserido num ambiente desadaptativo. Não é uma característica específica, trata-se da interação do sujeito com o meio que pode ser modificada, ou seja, a resiliência não é um construto universal, é sim um processo dinâmico, multifatorial e multidimensional. (Haack et al., 2012; Santos et al., 2008).

Amparo, Galvão, Alves, Brasil e Koller (2008) afirmam que maiores níveis de autoestima estão ligados à resiliência, ou seja, indivíduos com níveis mais elevados de autoestima têm maior probabilidade de adotar uma postura resiliente quando confrontados com uma má experiência (Santos et al., 2008).

Segundo Garcia (2001) os mecanismos de proteção da autoestima são compostos por mecanismos internos, mas também recursos familiares e sociais. É necessário dispor de modelos sociais que promovam a aprendizagem construtiva, de forma a auxiliar o adolescente a desenvolver a sua capacidade de adaptação e autonomia.

Por outro lado, Trombeta e Guzzo (2002) referem que são inúmeros os fatores de risco a que o adolescente está sujeito na fase da adolescência tão caracterizada pela forma como as distorções cognitivas podem ter impacto no desenvolvimento psicossocial (Monteiro et al., 2012).

Foi realizado um estudo por Monteiro et al. (2012) em que os objetivos eram de medir a autoestima, a resiliência dos adolescentes e identificar fatores protetores e de risco. Participaram no estudo 60 adolescentes dos 15 e os 18 anos. Concluíram com base nos resultados que mesmos para os adolescentes que moravam em regiões onde o principal fator de risco é o baixo nível socioeconómico, podia existir um equilíbrio entre os fatores de risco e os fatores de proteção de forma a permitirem a presença de uma elevada autoestima e resiliência. Concluíram, ainda, que o apoio familiar e social dado aos adolescentes é fundamental para o seu desenvolvimento saudável e pode combater algumas situações de risco que possam estar associadas.

Um outro estudo de Taberner, Serrano & Mérida (2017) efetuado com o objetivo de analisar se os diferentes níveis socioeconómicos (NSE) influenciam a autoavaliação pessoal retirou conclusões diferentes do estudo apresentado anteriormente. Concluíram, com base nos resultados obtidos, que as crianças com NSE mais baixo têm níveis de autoestima mais elevados do que crianças de um nível socioeconómico superior e que estas crianças fazem uma autoavaliação pessoal no contexto escolar, social, familiar e corporal, superior às dos outros NSE.

A configuração familiar também não parece influenciar a autoestima na adolescência. Um estudo realizado por Mota e Matos (2009), da Universidade do Porto, teve como um dos objetivos analisar a contribuição da estrutura familiar (íntacta e divorciada) com a autoestima do adolescente. Participaram no estudo 403 adolescentes, dos 14 aos 19 anos. Concluíram, com base nos resultados, que a configuração familiar

parece não estar diretamente associada com indicadores de bem-estar do adolescente, especificamente, a autoestima. Concluíram também que as famílias intactas, com elevados níveis de conflito, tornam os jovens mais desconfortáveis do que a convivência em famílias divorciadas com baixos níveis de conflito.

Síntese

A adolescência é uma fase caracterizada por transformações físicas, cognitivas e psicossociais, mas também pela formação da identidade, alargamento das relações interpessoais e o desempenho de novos papéis sociais. Para isso, é fundamental o desenvolvimento da autoestima e da autoconfiança (Haack et al., 2012).

A autoestima é a componente afetiva do self, caracteriza-se pela forma como a pessoa se sente em relação a si. O *self* é entendido como a reflexão consciente sobre a própria identidade em relação ao contexto onde se envolve sem ser influenciado por outros (Tabernerero, Serrano & Mérida, 2017).

Como a adolescência pode ser uma fase caracterizada pela fragilidade das suas mudanças é necessário sabermos quais são os fatores de risco e quais são os protetores a que o adolescente pode estar sujeito. Assim os fatores protetores da autoestima na adolescência são: os mecanismos internos, a configuração familiar e o apoio social. Como fatores risco que podem ter impacto ou não nos níveis de autoestima do adolescente estão: a violência física, psicológica e sexual; a negligência; conflitos e separação dos pais; perda de cuidadores ou pessoas significativas e a convivência com a pobreza, associada à instabilidade financeira e ao desemprego (Haack et al., 2012; Tabernerero, Serrano & Mérida, 2017).

A família é o contexto mais importante onde o adolescente está inserido para o seu desenvolvimento normativo. Uma família não é isenta de conflitos, mas tem a possibilidade de encontrar estratégias para a sua resolução, conseguindo minimizar os efeitos negativos e potencializar os positivos (Monteiro et al., 2012)

É necessário, assim, falarmos sobre a vinculação, as formas que ela assume na adolescência e na forma como estas relações comprometem o desenvolvimento da

autoestima. No próximo capítulo será feita uma abordagem sobre a vinculação, a Teoria da Vinculação de Bowlby e Ainsworth e a vinculação aos pais e aos pares.

Capítulo II – Autoestima e vinculação na adolescência

Introdução

A autoestima é um dos mais importantes indicadores da saúde mental (Ogihara & Kusumi, 2020). A abordagem da construção da autoestima enquanto resultado do estabelecimento de relações de vinculação significativas, não é nova. De acordo com a Teoria da Vinculação, a qualidade da relação com as figuras parentais desempenha um papel fundamental na forma como os adolescentes se percebem a si e aos outros, contribuindo a qualidade destes laços para o desenvolvimento da autoestima (Bowlby, 1988; Rocha et al., 2011).

A Teoria da Vinculação de Bowlby foi criada na década de 1940 e surgiu da observação dos comportamentos de crianças que foram separadas dos seus pais durante a guerra. Bowlby acreditava que as crianças que são privadas de emoções básicas, tornam-se limitadas nos seus relacionamentos (Jones, 2016).

Na Teoria da Vinculação as relações são claramente apresentadas como uma predisposição biológica para garantir a sobrevivência, no início de vida (Scharfe, 2017). Constituindo-se a primeira relação afetiva, entre a mãe que é a cuidadora principal e o bebé, ela vai servir de modelo para relações futuras. No entanto, a criança, pode desenvolver relações de vinculação múltiplas e até mesmo a figura principal provedora de cuidados pode ser alterada por diversos motivos (Scharfe, 2017).

Na perspetiva da vinculação, a adolescência representa um período de transição entre as vinculações da infância, estabelecidas fundamentalmente no contexto da relação pais-filho(a) e as ligações afetivas estabelecidas na idade adulta (Custódio et al. 2010). A relação de vinculação entre a criança e os pais, é continuada ao longo da adolescência, na

medida em que o adolescente continua a usar os pais como base-segura para conquistar os desafios psicossociais que vão surgindo (Custódio et al. 2010).

2.1. Teoria da Vinculação de Bowlby

A Teoria da Vinculação é um dos campos de investigação mais vastos e mais profundos na Psicologia do século XX (Machado & Oliveira, 2007). O objetivo de Bowlby foi, desde o início, compreender as possíveis influências adversas no desenvolvimento da personalidade, quando há a falta de cuidados maternos adequados durante os primeiros anos de vida (Machado & Oliveira, 2007).

A figura de vinculação é aquela para a qual o bebé/criança dirige os seus comportamentos de vinculação para atender às suas necessidades (Machado & Oliveira, 2007). Bowlby (1988) afirmou que o vínculo da criança com a sua mãe é um produto da ativação de sistemas comportamentais que têm a proximidade à mãe como resultado final (Machado & Oliveira, 2007).

Segundo Ainsworth e Bowlby (1991), os comportamentos de vinculação desempenham um papel importante na sobrevivência, adaptação e regulação da exploração do meio. Os comportamentos de vinculação compreendem então os comportamentos que são despoletados por condições internas como doença, fome, dor, frio e condições do ambiente como ameaças de separação que são cessados pelo grau de proximidade entre os dois elementos da relação (Silva, 2014). Esta proximidade pode implicar contacto físico ou visual, dependendo do grau de ativação do sistema comportamental. O sistema de vinculação representa, assim, um modelo/esquema que inclui o sujeito e as suas figuras de afeto (Silva, 2014).

Durante a década de 70, a investigadora Mary Ainsworth expandiu o trabalho de Bowlby com o seu estudo “Situação Estranha”, conseguindo testar empiricamente os princípios da Teoria da Vinculação (Ainsworth, 1978). trabalho exigiu a observação do comportamento de crianças entre os 12 e 18 meses de idade submetidas a uma experiência em que eram separadas, por um curto período de tempo da mãe e depois reunidas com ela. Baseando-se nas suas observações, Ainsworth (1978) concluiu que existiam, num primeiro momento três estilos de vinculação: segura, insegura-evitante, insegura-ambivalente e mais tarde, a desorganizada/desorientada.

Na vinculação segura a criança reage positivamente à aproximação da mãe, procura a proximidade, mantém o contacto mesmo à distância, acalma-se na sua presença e usa-a como uma base segura para a exploração. A cuidadora responde às necessidades da criança de modo caloroso e sensível, estando disponível física e emocionalmente (Papalia et al., 2006).

Na vinculação insegura-evitante os comportamentos predominantes são o evitamento da proximidade e contacto, não se verificando tendência para resistir ativamente ao contato físico, nem para protestar com a ausência dessa figura. A generalidade das crianças com este padrão de vinculação aceita a presença de estranhos tratando-os de modo semelhante à figura de vinculação (Papalia et al, 2006).

Na vinculação insegura/resistente ou ambivalente a criança afasta-se do cuidador quando está perturbado ou ansioso, esconde-se após a separação, fica confuso e assustado após o encontro, ou seja, evita fortemente e mostra grande ambivalência ou grande resistência face ao cuidador. Aquando do reencontro com a figura de vinculação, os seus comportamentos são ambivalentes, apesar de procurar ficar junto do cuidador,

revela alguma resistência ao contato físico e ao seu conforto agindo cautelosamente na interação com estranhos (Papalia et al, 2006).

Quanto à vinculação desorganizado/desorientado, as crianças apresentam comportamentos desorganizados, sem um objetivo aparente. Parecem sentir-se inseguras junto da mãe/prestador de cuidados, oscilando entre a frieza e a confusão, sendo que parece não existir uma estratégia ou comportamentos orientados para estabelecer uma relação de vinculação (Papalia et al, 2006).

2.2. Vinculação aos pais

As famílias, como primeiro contexto de socialização, desempenham um papel fundamental no comportamento dos adolescentes sendo, a qualidade dos cuidados parentais apontada frequentemente como a variável mais importante para o desenvolvimento psicossocial (Cardoso & Veríssimo, 2013).

Na adolescência, a par de outras mudanças, a vinculação às figuras parentais passa a transformar-se no sentido da construção da autonomia e do estabelecimento de novas relações de vinculação, nomeadamente com os pares, uma vez que a necessidade de vinculação tem de continuar a ser satisfeita (Anastácio & Lima, 2015). Estas transições são um processo natural e, ainda que exista um afastamento relativamente a essas figuras, são os modelos de vinculação aprendidos com elas enquanto criança, que permitirão ao adolescente criar vínculos fora do contexto familiar (Anastácio & Lima, 2015).

A conquista da autonomia e a manutenção de uma vinculação segura aos pais, durante a adolescência, são processos complementares. Se o adolescente apresentar um vínculo seguro com as figuras de vinculação, não terá dúvidas de que pode contar incondicionalmente com estas e isto propicia a construção da autonomia, do amor-próprio

e a autoconfiança, a privacidade, a intimidade e a diferenciação (Machado & Oliveira, 2007). Pelo contrário, vinculações inseguras têm mostrado relações com problemas de comportamentos interiorizados e/ou exteriorizados. Desta forma, por exemplo, o adolescente que teme partir é, frequentemente, o adolescente que não tem para onde voltar pois as figuras parentais não são disponíveis e ele teme não as reencontrar (Machado & Oliveira, 2007).

O género dos pais e dos filhos tem vindo a revelar-se uma variável importante na compreensão dos efeitos das relações parentais. Espera-se que as raparigas representem maior proximidade emocional nas relações com as figuras parentais e designadamente com a mãe, comparativamente com os rapazes. Além disso, espera-se que as raparigas percecionem a relação com o pai como mais inibidora de movimentos exploratórios, comparativamente com a relação com a mãe (Matos & Costa, 2006).

O estudo de Matos e Costa (2006), da Universidade do Porto, teve como um dos objetivos a exploração das diferenças da vinculação aos pais e pares quanto ao sexo do progenitor e do adolescente. Participaram no estudo 82 adolescentes dos 17 aos 19 anos. Concluíram com base nos resultados que não há a existência de diferenças significativas entre os sexos no domínio das relações com os pais e com os pares. Esta tendência poderá ser eco de uma cultura que tende cada vez mais a afastar-se da rigidez e do estereotípico associado à definição de papéis.

Por outro lado, um estudo de Anastácio e Lima (2015), da Universidade de Coimbra, que teve como objetivo estudar a relação entre a vinculação aos pais e a empatia na adolescência, obteve diferentes resultados. Participaram no estudo 344 adolescentes dos 12 aos 15 anos. Concluíram com base nos resultados do *Inventory of Peer and Parental Attachment* (IPPA) que é o instrumento utilizado no presente estudo, que

existem diferenças estatisticamente significativas na escala da mãe e do pai. Nomeadamente quanto aos valores totais da vinculação, verificam-se diferenças entre a vinculação à mãe e a vinculação ao pai. Verificou-se ainda que os rapazes obtiveram resultados mais elevados de vinculação à mãe e ao pai comparativamente com as raparigas.

Na vinculação aos pais é importante, ainda, falar-se nos conflitos familiares e parentais, no divórcio e na perda de uma pessoa significativa, que podem levar a mudanças nos modelos internos dinâmicos que o adolescente cria de si e dos outros (Moura & Matos, 2008). Estes acontecimentos de vida potencialmente negativos poderão levar a alterações nas relações de vinculação que os filhos estabelecem com cada uma das figuras parentais. No caso da separação/divórcio se os pais não tiverem a capacidade para se reorganizarem e exercerem uma coparentalidade ajustada, isto poderá ter um grave impacto no desenvolvimento da criança/adolescente e na forma como ela se relaciona com os outros (Moura & Matos, 2008).

2.2.1. Estilos parentais e resultados desenvolvimentais

É importante salientar que nem todos os pais respondem da mesma forma às crianças quando estas entram na pré-adolescência, o que sugere que as características individuais dos pais podem ter influência nas suas respostas comportamentais (Richardson, 2005). Desta forma, as práticas parentais que destacam a aceitação das crianças, os limites visivelmente definidos e o respeito pela sua individualidade, constituem-se como práticas com maior probabilidade de originar uma consistente sensação de autovalorização (Bigas, 2016)

Baumrind (1991) postula que os estilos parentais poderão exercer um contributo significativo no que concerne ao percurso desenvolvimental do indivíduo e nas relações afetivas que são estabelecidas com os outros significativos e consigo mesmo e prestou um contributo fundamental e propôs uma apresentação de três estilos parentais: o autoritário, o autoritativo e o permissivo (Cardoso & Veríssimo, 2013; Granja & Mota, 2018; Papalia et al, data).

Pais com um estilo autoritário apresentam: baixa afetividade, desencorajam a independência, elevado controlo e restritividade, dão valor à obediência e favorecem a punição. Os filhos de pais autoritários tendem a: ter baixa autoestima, ser mais inseguros, ter dificuldades na regulação das emoções e parecem ter níveis reduzidos de responsabilidade social (Cardoso & Veríssimo, 2013).

Os pais com um estilo democrático ou autoritativo apresentam: controlo firme e são afetuosos e responsivos às necessidades das crianças, promovem a comunicação, a autonomia e a individualidade. Estes pais têm níveis elevados de exigência, mas também de afetividade e promovem um ambiente intelectualmente estimulante para os seus filhos. Os filhos de pais autorizantes parecem ser crianças com melhor desempenho académico, maior assertividade, autoconfiança, autoestima e autocontrolo (Cardoso & Veríssimo, 2013).

Os pais com um estilo permissivo têm uma atitude tolerante e de aceitação face aos impulsos, desejos e ações da criança e evitam tomar posições de autoridade e impor controlo ou restrições aos seus filhos. Os filhos de pais permissivos tendem a: demonstrar dificuldades na autonomia, regulação das emoções, baixos níveis de autocontrolo, autoconfiança e autoestima (Cardoso & Veríssimo, 2013).

Os estilos parentais, o papel relevante enquanto fonte de segurança e proteção em momentos ameaçadores, parecem criar expectativas face à forma como os jovens se dispõem nas relações que estabelecem com os outros e nas estratégias de regulação emocional que estabelecem face às relações de proximidade (Granja & Mota, 2018).

2.3. Vinculação aos pares

A Teoria da Vinculação sugere que as relações dos adolescentes com as figuras de vinculação estão ligadas às relações com os pares e que é importante considerar que as experiências com os pares são relevantes momentos de socialização e de modelagem do comportamento. As experiências de vinculação no seio familiar são importantes preditores das relações que as crianças e adolescentes estabelecem com os pares (Dykas, Ziv & Cassidy, 2008).

Na adolescência são rompidos os vínculos parentais e passa a ser valorizados vínculos com os pares. Para um adolescente, o valor do grupo de pares é inquestionável, na medida em que é neste meio que obtém a compreensão do mundo, recebendo suporte e apoio. A importância dos pares pode ser melhor compreendida se atendermos ao facto da adolescência ser um período de múltiplas mudanças que desafiam o sentido de identidade, do autoconceito e da autoestima (Custódio et al., 2010). Estas mudanças desenvolvimentais incrementam a capacidade do adolescente e dos seus pares funcionarem como figuras de vinculação uns em relação aos outros (Haack et al., 2012).

Na adolescência as amizades assumem uma importância particular. A prioridade social deixa de ser a aceitação pelo grupo de pares, sendo substituída por uma emergente necessidade de intimidade interpessoal (isto é, de proximidade, empatia, amor e segurança), que é preenchida fundamentalmente por amigos do mesmo sexo. Neste sentido, embora se verifique um aumento da rede social, regista-se também uma

diminuição do número de amigos. No entanto, estas amizades são mais estáveis e, principalmente, caracterizadas por uma forma mais sofisticada de intimidade. Esta dimensão da intimidade, altamente saliente e investida, é combinada com expectativas de lealdade, autenticidade e compreensão empática. Vão sendo também gradualmente mais valorizados aspetos como a reciprocidade, compromisso, confiança, simetria e igualdade (Freitas et al., 2018).

No início da adolescência começam a verificar-se diferenças nas relações entre as raparigas e os rapazes. As relações de amizade no sexo feminino ocorrem em díades ou tríades caracterizadas por elevados níveis de suporte emocional, partilha de intimidade, validação e cuidado sob a forma de resolução de conflitos. Contudo também apresentam maiores níveis de conflito com enfoque em sentimentos negativos. Quanto às relações de amizade no sexo masculino ocorrerem em grupos mais alargados e não envolvem tanta intimidade. Contudo as trajetórias da qualidade da amizade nos rapazes são mais acentuadas, pelo que, no fim da adolescência, encontram-se no mesmo patamar do que as raparigas (Freitas et al., 2018). Assim, é possível que a vinculação aos pares seja mais importante para as raparigas do que para os rapazes e, conseqüentemente poderá influenciar o desenvolvimento psicossocial, nomeadamente os níveis de autoestima (Freitas et al., 2018).

Um estudo de Freitas et al. (2018) teve como objetivo identificar diferentes perfis de qualidade da amizade, contrastando-os relativamente a dimensões positivas e negativas dessa relação, bem como ao ajustamento social dos adolescentes no grupo de pares. Participaram 821 adolescentes do 7º ano de escolaridade com uma idade média de 13 anos. Concluíram com base nos resultados que existem diferenças entre o sexo feminino e o sexo masculino pelo que as raparigas experienciam mais partilha de intimidade e validação e cuidado nas suas relações com os pares, mas também apresentam

níveis de conflitos superiores. Este fenómeno pode ser explicado pelas razões referidas no parágrafo anterior.

A vinculação aos pares pode também envolver a relação com o par amoroso. A saliência da dimensão romântica na vida do adolescente é indiscutível sendo, porém, que a natureza e a qualidade das relações românticas dos adolescentes se transformam de acordo com importantes mudanças desenvolvimentais (Matos & Costa, 2006). Neste sentido, em fases mais avançadas da adolescência, a relação romântica começa a desenhar contornos de uma relação de intimidade, de partilha e de mutualidade, onde a necessidade de diferenciação coexiste com a necessidade de ligação emocional ao outro (Matos & Costa, 2006).

2.4. Transferência de componentes da vinculação dos pais para os pares

Como vimos anteriormente, ao longo da adolescência, surgem novas figuras de vinculação potencialmente significativas no preenchimento de necessidades afetivas como os amigos e o par amoroso. A forma como os adolescentes integram a relação com os pais cria modelos internos capazes de favorecer a inserção em grupos, apoiando a ideia da transferência das componentes da vinculação dos pais para os pares. Ou seja, adolescentes que funcionam com modelos internos dinâmicos seguros demonstram maior disponibilidade para o estabelecimento de novos relacionamentos (Matos & Costa, 2006).

No estudo de Matos e Costa (2006), anteriormente referido, foi concluído com base nos resultados que existem relações significativas entre a vinculação aos pais e a vinculação aos pares. Verificaram que, quando o adolescente é capaz de integrar as experiências emocionalmente significativas ocorridas na história da sua vida familiar, construindo um sentido para a sua relação com a família, as relações com os pares tendem a ser mais seguras. Em sentido contrário, quando se torna difícil compreender os acontecimentos emocionais que ligam o adolescente às figuras de vinculação primárias,

quando as figuras tendem a ser idealizadas, então as relações com os pares tendem a ser mais inseguras. Verificaram também que os adolescentes com relações desinvestidas em relação às figuras parentais, tendem a ter lacunas na vinculação aos pares e ao par amoroso.

No estudo de Harris & Orth (2019) o objetivo foi o de estudar a relação entre a autoestima e as relações sociais. Concluíram com base nos resultados que as relações interpessoais e os valores de autoestima são verdadeiramente recíprocas em todas as fases do desenvolvimento ao longo da vida. Isto reflete uma relação positiva entre os dois construtos.

2.5. Autoestima e vinculação aos pais e pares

A associação da autoestima e da vinculação aos pais e pares surge quase como uma síntese desta primeira parte do presente estudo. As associações positivas entre os domínios relacionais da vinculação aos pais e aos pares e destes com a autoestima, têm vindo a ser testados empiricamente, de forma robusta. A internalização de modelos positivos dos prestadores de cuidados e a utilização destes como base segura a partir da qual é possível explorar-se a si e ao mundo, parecem ser fatores protetores da autoestima na adolescência. Os pressupostos teóricos em torno do desenvolvimento apoiam justamente esta ideia, na medida em que a autoestima tendencialmente decresce durante a transição da infância para o início da adolescência devido à exposição das mudanças físicas e psicossociais que contribuem decisivamente para o processo de formação da identidade e do autoconceito (Rocha et al., 2011).

De acordo com Pinheiro e Ferreira (2001), a percepção de aceitação da família e dos amigos apresenta fortes associações com a autoestima. Por sua vez, uma percepção elevada quer de aceitação quer de autoestima parecem associar-se a uma vinculação

segura, confirmando a hipótese de que os modelos de vinculação podem ser significativos para a avaliação global do *self*. Assim, verifica-se que um contexto relacional de segurança estável constitui um recurso de aprendizagem, dando lugar posterior à possibilidade da exploração do mundo exterior. Uma exploração em contexto seguro auxilia o relacionamento com os outros, fornecendo um importante indicador de maturidade emocional (Rocha et al., 2011).

No estudo de Mota e Matos (2009) foi concluído ainda que a qualidade de vínculo aos pais parece ser um preditor mais consistente na estabilidade do adolescente, nomeadamente na autoestima.

O estudo de Rocha, Mota e Matos (2011) teve como um dos objetivos observar a contribuição da qualidade da vinculação à mãe na predição da ligação aos pares, tendo em conta o papel mediador da autoestima. Participaram no estudo 742 adolescentes entre os 13 e os 23 anos. Concluíram com base nos resultados que os efeitos da autoestima nas dimensões utilizadas na avaliação da qualidade relacional aos pares, foram, como seria de esperar, positivos, quer na comunicação, quer na confiança e negativos relativamente à alienação. O papel da autoestima apresenta-se assim como uma dimensão que claramente potencia ou dificulta o desenvolvimento de relações seguras com os pares. Num período desenvolvimental onde o fator grupo se constituiu como contexto de vida primordial, as construções pessoais de si como merecedor de cuidados e dos outros enquanto bases e portos seguros confiáveis, influenciam sem qualquer dúvida a abordagem relacional dos elementos do *bando*, os pares.

O estudo de Bigas (2016) teve como objetivo estudar a relação da qualidade da relação aos pais, a autoestima e autoconceito em pré-adolescentes. Os resultados obtidos permitem referir que existe uma relação positiva entre a qualidade de vinculação ao pai e

à mãe e a autoestima das crianças, uma vez que os pais podem potenciar um suporte de base segura e porto seguro de modo a que a criança consiga explorar o mundo, o que sugere que tanto a mãe como o pai podem promover o suporte de base segura e de porto seguro, tendo ambas as figuras parentais um papel fundamental no seu desenvolvimento, ainda que com papéis complementares na vida criança.

Síntese

A Teoria da Vinculação de Bowlby foi criada na década de 1940 e tornada testável por Mary Ainsworth e é uma das principais abordagens que estuda os relacionamentos interpessoais. A teoria explica porque é que a vinculação aos pais tem um poderoso impacto na estruturação da personalidade das crianças (Jones, 2016).

As experiências emocionais ocorridas na relação com os pais e, muito particularmente na infância, contribuem para a construção de modelos representacionais acerca de si próprio, das futuras relações de vinculação e do mundo. A história das vinculações com figuras significativas cria expectativas na relação com os outros e determina estratégias de regulação emocional (Matos & Costa, 2006).

A integração de diferentes experiências relacionais, o desenvolvimento da autonomia, da autoestima e da individualidade permite que o adolescente comece a ver-se a si mesmo independentemente da qualidade da relação com os outros. Desta forma, ao longo da adolescência, a conceção do self nas relações de vinculação torna-se mais internalizada e menos dependente, ou centrada, numa relação específica (Machado & Oliveira, 2007).

Se o adolescente tiver uma percepção positiva de si, isso irá repercutir-se no seu bem-estar, implicando uma maior disponibilidade pessoal no estabelecimento de novas relações (Matos & Costa, 2006). Assim, a autoestima e a vinculação a figuras

significativas são construtos dependentes que se associam de forma positiva (Harris & Orth, 2019).

Capítulo III | Estudo Empírico

Introdução

O presente estudo teve como objetivo geral estudar e avaliar as relações entre a autoestima e a vinculação à mãe, ao pai e aos pares em adolescentes dos 15 aos 18 anos.

Como objetivos específicos propomo-nos avaliar os valores de autoestima quanto à idade, ao sexo, ao nível socioeconómico dos participantes, estudar a relação da vinculação à mãe, ao pai e pares em função do sexo, do nível socioeconómico e de com quem vivem habitualmente os adolescentes.

Partimos então da pergunta de partida: Será a autoestima um mediador da qualidade das relações de vinculação com a mãe, o pai e pares na adolescência?

3.1. Objetivos do estudo

Assim, foram delineados os seguintes objetivos específicos:

Objetivo 1: Traduzir e estudar as qualidades psicométricas da escala *Adolescent Self-esteem Questionnaire* - ASQ

Objetivo 2: Estudar as qualidades psicométricas da escala *Inventory of Peer and Parental Attachment* - IPPA

Objetivo 3: Avaliar se existem diferenças na autoestima em função do sexo

Objetivo 4: Avaliar se existe relação entre a autoestima e a idade

Objetivo 5: Avaliar se existe relação entre a autoestima e o Nível Socioeconómico

Objetivo 6: Avaliar se na vinculação à mãe, ao pai e aos pares (comunicação, confiança e alienação) existem diferenças em função do sexo

Objetivo 7: Avaliar se na vinculação à mãe e ao pai (comunicação, confiança e alienação) existem diferenças em função de com quem vivem

Objetivo 8: Verificar se existe relação entre a vinculação à mãe e ao pai (comunicação, confiança e alienação) e a vinculação aos pares (comunicação, confiança e alienação)

Objetivo 9: Verificar se existe relação entre a vinculação à mãe, ao pai e aos pares (comunicação, confiança e alienação) e a autoestima.

3.2. Definição das variáveis

As variáveis dependentes deste estudo são a Autoestima e a Vinculação.

A Autoestima é definida por Rosenberg (1965) como um conjunto de sentimentos e pensamentos do indivíduo sobre o seu próprio valor e competências, que se reflete numa percepção sobre si mesmo. Segundo Coopersmith (1989) a autoestima traduz-se na forma como o indivíduo se aceita a si, valoriza o outro e projeta as suas expectativas (Sbicigo et al., 2010). Esta variável irá ser medida através do *Adolescente Self-esteem Questionnaire*.

A Vinculação é definida por Ainsworth (1973) e Bowlby (1969) como uma relação emocional profunda e duradoura que liga uma pessoa a outra no tempo e espaço. Bowlby defende que os seres humanos nascem com um sistema comportamental de vinculação que os leva a procurar proximidade com outras figuras de vinculação ao longo da vida. A formação de um vínculo acontece na sua forma mais básica com a procura do bebé de forma inata pelo seu cuidador de forma a obter as respostas às suas necessidades. Contudo ao longo da vida as relações de vinculação vão-se desenvolvendo e manifestando de outras formas (Maharik & Oppenheim, 2017). Esta variável irá ser medida através do *Inventory of Peer and Parental Attachment*.

Passamos agora a descrever o método usado neste estudo.

3.3. Método

Método é o caminho para se atingir um fim e quando este é delineado, ou seja, tem um ponto de partida e de chegada, torna o trajeto a percorrer mais simples (Almeida, 2017). O método científico parte da observação organizada de factos, da realização de testes e da comprovação científica dos resultados obtidos. Existem diversos métodos, e cabe ao investigador, dependendo do objeto e da natureza da pesquisa, selecionar o mais adequado para o seu estudo (Pereira et al., 2018). Este estudo é transversal e quantitativo.

3.3.1. Participantes

Quanto aos participantes definiram-se como critérios de inclusão na amostra: ser estudante do ensino secundário (10º, 11º e 12º ano) numa Escola Secundária do Grande Porto; ter entre 15 e 18 anos de idade; ter o consentimento informado dos participantes e dos pais/encarregados de educação e estar presente no momento de administração dos materiais.

A amostra total deste estudo é de 108 participantes. De acordo com os resultados apresentados na tabela 1, 62 (57,4 %) participantes são do sexo feminino e 46 (42,6 %) do sexo masculino. As idades estão compreendidas entre os 15 e os 18 anos ($M = 16,38$; $Dp = 0,934$) sendo que 24 (22,2%) dos participantes têm 15 anos, 29 (26,9%) têm 16 anos, 45 (41,7%) têm 17 anos e 10 (9,3%) têm 18 anos.

Tabela 1.

Frequências do sexo e da idade para amostra total

Idade	Sexo		n (%)
	Feminino n (%)	Masculino n (%)	
15	16 (14,8)	8 (7,4)	24 (22,2)
16	20 (18,6)	9 (8,3)	29 (26,9)

17	21 (19,5)	24 (22,2)	45 (41,7)
18	5 (4,65)	5 (4,65)	10 (9,3)
Total	62 (57,4)	46 (42,6)	

Na tabela 2, estão consideradas as variáveis do sexo, idade, ano de escolaridade, NSE e com quem vivem os participantes. Existem 70 (63,0) participantes distribuídos no 10º, 11º e 12º ano do sexo feminino e masculino que vivem habitualmente com a mãe e o pai. Destes, 36 (32,4) pertencem ao NSE alto/médio-alto, 32 (28,8) ao NSE médio e 2 (1,8) ao NSE médio-baixo/baixo.

Existem 31 (27,9) participantes do sexo feminino e masculino distribuídos no 10º, 11º e 12º ano que vivem habitualmente com a mãe. Destes, 21 (18,9) pertencem ao NSE alto/médio-alto, 8 (7,2) ao NSE médio e 2 (1,8) ao NSE médio-baixo/baixo.

Existem 5 (4,5) participantes do sexo feminino e masculino distribuídos no 11º e 12º ano que vivem habitualmente com o pai. Destes apenas 1 (0,9) pertence ao NSE alto/médio-alto e os restantes 4 (3,6) ao NSE médio.

Existem 2 (1,8) participantes, 1 (0,9) do sexo feminino e 1 (0,9) do sexo masculino no 11º ano que não vivem nem com o pai nem com a mãe, vivem com outros e que pertencem ao NSE médio.

Tabela 2.

Frequências do sexo, ano de escolaridade, nível socioeconómico e de com quem vivem para a amostra total (N=108)

		Escolaridade			
		10º	11º	12º	N
Vivem	NSE	n (%)	n (%)	n (%)	
Mãe e pai	1	4 (3,6)	3 (2,7)	10 (9,0)	17 (15,3)
	Sexo				
	Feminino				

			Masculino	5 (4,5)	2 (1,8)	12 (10,8)	19 (17,1)
	2		feminino	6 (5,4)	12 (10,8)	4 (3,6)	22 (19,8)
			masculino	2 (1,8)	5 (4,5)	3 (2,7)	10 (9,0)
	3		Feminino	1 (0,9)		1 (0,9)	2 (1,8)
Mãe	1	Sexo	Feminino	3 (2,7)	3 (2,7)	5 (4,5)	11 (9,9)
			Masculino	1 (0,9)		9 (8,1)	10 (9,0)
	2		feminino		1 (0,9)	3 (2,7)	4 (3,6)
			Masculino		1 (0,9)	3 (2,7)	4 (3,6)
	3		Feminino	1 (0,9)	1 (0,9)		2 (1,8)
Pai	1	sexo	Masculino			1 (0,9)	1 (0,9)
			Feminino		3 (2,7)		3 (2,7)
				Masculino		1 (0,9)	
Outros	2	sexo	Feminino		1 (0,9)		1 (0,9)
			masculino		1 (0,9)		1 (0,9)
Total				23 (20,7)	34 (30,6)	51 (45,9)	

Nota. NSE = Nível Socioeconómico; NSE 1 = Nível Socioeconómico Alto/Médio-alto; NSE 2 = Nível Socioeconómico Médio; NSE 3 = Nível Socioeconómico Médio-baixo/Baixo

Em seguida apresentamos os materiais usados na recolha de dados, a saber: o Questionário Sociodemográfico, a escala *Adolescent Self-esteem Questionnaire* e a escala *Inventory of Peer and Parental Attachment*.

3.3.2. Materiais

Segundo Gil (2006) para a realização de uma pesquisa científica, são necessárias técnicas específicas que operacionalizem o método (Pereira et al., 2018). Foram utilizados três questionários que pelas suas características possibilitaram o alcance de um número elevado de participantes e o seu anonimato. Assim, os materiais utilizados foram:

3.3.2.1. Questionário Sociodemográfico

O questionário sociodemográfico foi construído pelas investigadoras deste estudo considerando as variáveis necessárias para a investigação como o sexo, a idade, o ano de escolaridade, as pessoas com quem vive habitualmente e a profissão e escolaridade da mãe e do pai do participante. Nenhum dos itens compromete o anonimato, confidencialidade ou recolhe dados sensíveis. A resposta é dada assinalando a opção correta ou inscrevendo a referida resposta. Não tem tempo de preenchimento.

3.3.2.2. *Adolescent Self-esteem Questionnaire*

A escala *Adolescent Self-esteem Questionnaire* (ASQ) foi construída com o objetivo de avaliar e medir a autoestima no *Young Minds Matter* (YMM), uma pesquisa australiana com crianças e adolescentes dos 11 aos 18 anos sobre saúde mental e bem-estar. Com base no aprimoramento da *Rosenberg Self-esteem Scale* surgiu o ASQ. O instrumento é composto por 13 itens que avaliam a autoestima global numa escala do tipo *Likert* de 5 pontos (1: A maioria das vezes; 2: Muitas das vezes; 3: Algumas das vezes; 4: Poucas das vezes; 5: Quase nunca) / (1: Concordo fortemente; 2: Concordo; 3: Nem concordo nem discordo; 4: Discordo; 5: Discordo fortemente) contemplando itens invertidos. As pontuações dos itens são somadas para determinar a pontuação da autoestima. Pontuações menores ou iguais a 17 significam baixa autoestima e superiores a 17 uma alta autoestima (Hafekost et al., 2017). A escala foi traduzida e adaptada à língua portuguesa para utilização na recolha de dados no presente estudo.

3.3.2.3. *Inventory of Peer and Parental Attachment*

A escala de autorrelato *Inventory of Peer and Parental Attachment* (IPPA) foi construída com o objetivo avaliar a qualidade das relações de vinculação das crianças e adolescentes dos 9 aos 15 anos ao pai, à mãe e aos pares. São avaliadas as dimensões da Confiança, Comunicação e Alienação às figuras de vinculação. O IPPA está organizado

em três escalas, constituídas por 25 itens, totalizando 75 itens do tipo *Likert* de 1 a 5 pontos (1: Nunca ou quase nunca; 2: Poucas vezes; 3: Às vezes; 4: Muitas vezes; 5: Sempre), contemplando itens invertidos. À escala mãe e pai correspondem as subescalas Comunicação (itens 5, 6, 7, 14, 15, 16, 19, 24, 25), Confiança (itens 1, 2, 3, 4, 9, 12, 13, 20, 21, 22), e Alienação (itens 8, 10, 11, 17, 18, 23). A escala dos pares é também composta pelas subescalas Comunicação (itens 1, 2, 3, 7, 16, 17, 24, 25), Confiança (itens 5, 6, 8, 12, 13, 14, 15, 19, 20, 21), e Alienação (itens 4, 9, 10, 11, 18, 22, 23). A subescala da confiança avalia sentimentos de confiança, compreensão mútua e respeito, a subescala da comunicação, mede a extensão e qualidade da comunicação verbal e a subescala de alienação diz respeito aos sentimentos de alheamento e isolamento interpessoal (Machado & Oliveira, 2007).

Segundo Armsden e Greenberg (1987) o resultado obtido em cada escala deve ser interpretado como a percepção que os adolescentes têm sobre a segurança emocional das relações de vinculação que estabelecem com os pais e os pares. Assim as relações de vinculação podem ser classificadas em seguras e inseguras. Neste sentido, os autores referem que se deverá considerar seguros em termos de vinculação, quando se obtêm valores acima da mediana, enquanto os inseguros devem obter valores abaixo da mediana (Rocha et al., 2011).

O IPPA, originalmente, era apenas destinado a ser administrado em crianças e adolescentes dos 9 aos 15 anos. Contudo, esta escala, tem sido utilizada noutras idades. Nomeadamente, Rocha et al. (2011) realizaram um estudo com o objetivo de observar a contribuição da qualidade da vinculação à mãe na predição da ligação aos pares, tendo em conta a hipótese do papel mediador da autoestima, numa amostra de 742 adolescentes entre os 13 e os 23 anos.

Recorreu-se à versão validada na língua portuguesa de Carvalho e Costa (2018) para a utilização do IPPA neste estudo.

3.4. Procedimentos

Para a realização desta investigação, iniciou-se uma intensa pesquisa da literatura a partir da leitura de artigos científicos, livros e publicações científicas relacionadas com o objetivo do estudo.

Posteriormente foi elaborado um projeto de investigação composto pelo procedimento de acesso aos participantes, preenchimentos dos materiais e tratamento de dados, autorizações dos autores para a utilização dos seus instrumentos e da escola onde realizamos a recolha de dados. O projeto foi apresentado à Comissão de Ética da Universidade Fernando Pessoa.

Quanto à adaptação dos materiais, no Questionário Sociodemográfico, a variável sexo é operacionalizada em feminino e masculino e a variável idade em 15, 16, 17 e 18 anos. A variável com quem vive habitualmente foi operacionalizada em: pais (vivência com a mãe e o pai ou figuras correspondentes), mãe (vivência com a mãe ou figura maternal e o pai ausente), pai (vivência com o pai ou figura paternal e a mãe ausente) e em outros. A profissão da mãe e do pai é uma resposta aberta e o nível de escolaridade é operacionalizado em alto, médio-alto, médio, médio-baixo e baixo. A partir da profissão e escolaridades dos pais foi calculado o nível socioeconómico que foi operacionalizado em alto/médio-alto, médio e médio-baixo/baixo.

Quanto à escala ASQ para a sua utilização foi feito processo de tradução e validação para a língua portuguesa que foi assegurado por diferentes tradutores. Primeiramente o questionário original foi traduzido para português por um tradutor, seguidamente foi traduzido de português para inglês por um segundo tradutor, posteriormente foi traduzido do inglês para o português por um terceiro tradutor e depois

traduzido do português para o inglês por um quarto tradutor e foi feita a comparação dessa tradução com o questionário original, o *Adolescent Self-esteem Questionnaire*. Posteriormente a ser feita a comparação entre os dois e de se ter verificado a sua consistência foi feita a última tradução para o português. Por fim, a versão final, em português foi aplicada a um grupo teste de 5 participantes de forma a detetar, se existentes, problemas de ambiguidade ou de dificuldade de compreensão. Os participantes não tiverem dúvidas quanto à linguagem do questionário, não havendo assim a necessidade de se fazerem alterações.

Quanto à seleção de participantes, inicialmente, pedimos autorização à direção da escola presencialmente. Posteriormente, entramos em contacto com diretores de turmas do 10º, 11º e 12º ano. Via email, brevemente, fiz a minha apresentação, do objetivo do estudo e do procedimento da recolha de dados, sensibilizando-os para a sua colaboração. Após nos ser concedida a autorização dos diretores de turma por email marcamos horários para as intervenções.

Dirigimo-nos a cada turma, fizemos a apresentação do estudo e sensibilizámos os alunos para a sua colaboração. Por se tratar de uma participação voluntária pedimos o consentimento oral de cada aluno só depois entregamos os consentimentos informados. Disponibilizámo-nos a esclarecer todas as dúvidas quer aos alunos quer aos encarregados de educação.

Aos menores de 18 anos entregamos um consentimento (Anexo A) com uma folha informativa para os encarregados de educação (Anexo C) e aos que tinham os 18 anos completos o consentimento informado para que o pudessem assinar (Anexo B).

Os consentimentos informados e os assentimentos dos menores e dos maiores de 18 anos foram rececionados pelos Diretores de Turma. Marcámos então a recolha de

dados. Em sala de aula, foram entregues a quem já tinha entregado os referidos consentimentos, para preenchimento os três instrumentos de avaliação, agrafados pela mesma ordem. No início de cada sessão voltámos a relembrar que os materiais são confidenciais, anónimos e que os dados apenas vão ser utilizados para este estudo e publicações futuras, sendo depois destruídos. Mais uma vez, nos disponibilizamos para esclarecer possíveis dúvidas.

Após a finalização da recolha de dados, inseriram-se todos os dados na base de dados no programa *Statistical Package for Social Science* (SPSS), versão 26, para serem analisados de forma a dar resposta aos objetivos do estudo.

IV | Resultados

Serão aqui apresentados os resultados obtidos para cada objetivo deste estudo, mencionados no ponto anterior.

4.1. Estudar as qualidades psicométricas da escala *Adolescent Self-esteem Questionnaire*

Estudamos as qualidades psicométricas da escala *Adolescent Self-esteem Questionnaire* (ASQ) (objetivo 1) através do estudo da consistência interna: *Alfa de Cronbach* e da análise fatorial em componentes principais, que apresentamos em seguida.

4.1.1. Estudo da consistência interna da escala *Adolescent Self-esteem Questionnaire: Alfa de Cronbach*

De acordo com os valores apresentados na tabela 3, o *Alfa de Cronbach* da dimensão Itens Positivos é de 0,704 e o da dimensão Itens Negativos é de 0,863. A consistência interna do instrumento é de 0,867.

Tabela 3.

Valores de Alfa de Cronbach da escala ASQ

ASQ	<i>Alfa de Cronbach</i>
Itens Positivos	0,704
Itens Negativos	0,863
Total	0,867

4.1.2. Análise fatorial em componentes principais da escala *Adolescent Self-esteem Questionnaire*

Na tabela 4, apresentam-se os resultados obtidos após a realização da análise fatorial em componentes principais da escala *Adolescent Self-esteem Questionnaire (ASQ)*, através do método *Direct Oblimin* (o mesmo usado pelos autores da escala). Foram encontrados 2 fatores que explicam 54,7% dos resultados obtidos.

O fator I, designado por Itens Negativos, é um fator puro dado que os itens que o constituem (1, 3, 4, 7, 8, 9, 11 e 12) correspondem à totalidade da subescala pertencente à dimensão Itens Negativos. Este fator explica 42,907% da variância total dos resultados.

O fator II, designado por Itens Positivos, é também um fator puro dado que os itens que o constituem (2, 5, 6 e 10) correspondem à totalidade da subescala pertencente à dimensão Itens Positivos. Este fator explica 11,759% da variância total dos resultados.

O coeficiente de saturação (h^2) mínimo encontrado foi de 0,403 que corresponde ao item 1 e o máximo foi de 0,698 que corresponde ao item 7.

Tabela 4.

Análise fatorial em fatores comuns da escala ASQ, após rotação Direct Oblimin

Item	Fator		h^2
	I	II	
3 (IN)	0,850		0,641
8 (IN)	0,797		0,624
1 (IN)	0,676		0,403
9 (IN)	0,626		0,544
11 (IN)	0,575		0,527
12 (IN)	0,550		0,423
4 (IN)	0,549		0,580
7 (IN)	0,513		0,698
2 (IP)		0,802	0,599
10 (IP)		0,716	0,464
6 (IP)		0,646	0,611

5 (IP)		0,531	0,447
Val. Próp.	5,149	1,411	
% Val. Total	42,907	11,759	\sum Var = 54,666

Nota. IN = Itens Negativos; IP = Itens Positivos; H2 = Comunalidade; Val. Próp. = Valor Próprio; % Val. Total = Percentagem do Valor Total; \sum Var = Somatório da Variância

4.2. Estudar as qualidades psicométricas da escala *Inventory of Peer and Parental Attachment*

Também estudamos as qualidades psicométricas da escala *Inventory of Peer and Parental Attachment* (IPPA) (objetivo 2) através do estudo da consistência interna e da análise exploratória fatorial em componentes principais.

4.2.1. Estudo da consistência interna da escala *Inventory of Peer and Parental Attachment: Alfa de Cronbach*

Foi calculado o valor de *Alfa de Cronbach* para cada dimensão (comunicação, confiança e alienação) para cada escala (mãe, pai e pares) e os resultados são apresentados na tabela 5.

O *Alfa de Cronbach* total da escala da mãe é de 0,711 e das respectivas dimensões Comunicação é de 0,801 da Confiança é 0,867 e da Alienação é 0,735.

O *Alfa de Cronbach* total da escala do pai é de 0,906 e das respectivas dimensões Comunicação é de 0,860, da Confiança é 0,903 e da Alienação é 0,853.

O *Alfa de Cronbach* total da escala dos pares é de 0,736 e das respectivas dimensões Comunicação é de 0,865, da Confiança é 0,897 e da Alienação é 0,703.

Tabela 5.

Valores de *Alfa de Cronbach* da escala IPPA

<i>Alfa de Cronbach</i>			
IPPA	Mãe	Pai	Pares
Comunicação	0,801	0,860	0,865
Confiança	0,867	0,903	0,897
Alienação	0,735	0,853	0,703
Total	0,711	0,906	0,736

4.2.2. Análise fatorial em componentes principais da escala IPPA (subescala mãe, pai e pares)

Na tabela 6, apresentam-se os resultados obtidos após a realização da análise fatorial em componentes principais da subescala da mãe da escala *Inventory of Peer and Parental Attachment* (IPPA) através do método de rotação Varimax. Foram encontrados 3 fatores que explicam 61,365% dos resultados obtidos.

O fator I é designado por Confiança e é misto. Este apresenta 12 itens dos quais 8 (itens 1, 2, 20, 4, 21, 12, 13 e 22) correspondem à dimensão Confiança, 2 (itens 5 e 25) à dimensão da Comunicação e 2 (itens 18 e 17) à dimensão da alienação que se correlacionam negativamente. Este fator explica 49,187% da variância total dos resultados.

O fator II é designado por Comunicação e é quase puro. Este apresenta 6 itens dos quais 5 (itens 16, 15, 19, 24 e 7) correspondem à dimensão da Comunicação e o item 8 que corresponde à dimensão da Alienação que se correlaciona negativamente. Este fator explica 6,425% da variância total dos resultados obtidos.

O fator III é designado por Alienação e é misto. Este apresenta 4 itens dos quais 2 (itens 11 e 10) correspondem à dimensão da Alienação, o item 9 à dimensão da Confiança e o item 14 à dimensão da Comunicação. Este fator explica 5,754% da variância dos resultados obtidos.

O coeficiente de saturação (h^2) mínimo encontrado foi de 0,414 que corresponde ao item 8 e o máximo foi de 0,746 que corresponde ao item 1.

Tabela 6.

Análise fatorial em fatores comuns da escala IPPA (subescala da mãe), após rotação

Varimax

Item/Dimensão	Fator			h^2
	I	II	III	
1 (Cf)	0,778			0,746
2 (Cf)	0,736			0,590
20 (Cf)	0,718			0,729
4 (Cf)	0,712			0,608
18 (A)	-0,707			0,531
17 (A)	-0,692			0,610
21 (Cf)	0,690			0,698
12 (Cf)	0,670			0,611
13 (Cf)	0,643			0,584
22 (Cf)	0,632			0,667
5 (Cm)	0,545			0,595
25 (Cm)	0,540			0,519
16 (Cm)		0,788		0,728
15 (Cm)		0,712		0,670
19 (Cm)		0,705		0,717
24 (Cm)		0,604		0,684
7 (Cm)		0,585		0,396
8 (A)		-0,564		0,414
9 (Cf)			0,724	0,613
11 (A)			0,659	0,634
14 (Cm)			0,561	0,623
10 (A)			0,400	0,532
Val. Próp.	10,821	1,413	1,266	
% Val. Total	49,187	6,425	5,754	\sum Var = 61,365

Nota. Cf = Confiança; Cm = Comunicação; A = Alienação; H2 = Comunalidade; Val. Próp. = Valor Próprio; % Val. Total = Percentagem do Valor Total; Σ Var = Somatório da Variância

Na tabela 7, apresentam-se os resultados obtidos após a realização da análise fatorial em componentes principais da subescala do pai da escala *Inventory of Peer and Parental Attachment (IPPA)* através do método de rotação *Varimax*. Foram encontrados 2 fatores que explicam 57,613% dos resultados obtidos.

O fator I, é designado por Confiança e é misto. Este apresenta 10 itens dos quais 4 correspondem à dimensão da Confiança (itens 2, 3, 22 e 1), o item 5 à dimensão da Comunicação e 5 (itens 17, 10, 18, 11 e 23) à dimensão da alienação que se correlacionam negativamente. Este fator explica 51,633% da variância total dos resultados.

O fator II, é designado por Comunicação e é misto. Este apresenta 15 itens dos quais 8 correspondem à dimensão da Comunicação (itens 16, 19, 15, 24, 7, 25, 14 e 6), 6 (itens 20, 13, 21, 12, 4 e 9) à dimensão da Confiança e o item 8 à dimensão da alienação. Existem 4 itens que se correlacionam de forma negativa pertencentes à dimensão da Confiança, da Comunicação e da Alienação. Este fator explica 6,425% da variância total dos resultados obtidos.

O coeficiente de saturação (h^2) mínimo encontrado foi de 0,087 que corresponde ao item 9 e o máximo foi de 0,795 que corresponde ao item 19.

Tabela 7.

Análise fatorial em fatores comuns da escala IPPA (subescala do pai), após rotação Varimax

Item/Dimensão	Fator		h^2
	I	II	

2 (Cf)	0,877		0,785
3 (Cf)	-0,856		0,772
17 (A)	-0,795		0,687
22 (Cf)	0,794		0,768
1 (Cf)	0,703		0,657
10 (A)	-0,696		0,617
18 (A)	-00,584		0,445
5 (Cm)	0,562		0,629
11 (A)	-0,493		0,439
23 (A)	-0,436		0,207
16 (Cm)		0,819	0,771
19 (Cm)		0,777	0,795
15 (Cm)		0,754	0,705
20 (Cf)		0,694	0,842
24 (Cm)		0,682	0,703
8 (A)		-0,662	0,448
13 (Cf)		0,627	0,575
7 (Cm)		0,616	0,633
25 (Cm)		0,582	0,620
21 (Cf)		0,559	0,550
12 (Cf)		0,538	0,529
14 (Cm)		-0,531	0,336
4 (Cf)		0,512	0,421
6 (Cm)		-0,461	0,383
9 (Cf)		-0,294	0,087
Val. Próp.	12,908	1,495	
% Val. Total	51,633	5,980	\sum Var = 57,613

Nota. Cf = Confiança; Cm = Comunicação; A = Alienação; H2 = Comunalidade; Val. Próp. = Valor Próprio; % Val. Total = Percentagem do Valor Total; \sum Var = Somatório da Variância

Na tabela 8, apresentam-se os resultados obtidos após a realização da análise fatorial em componentes principais da subescala dos pares da escala *Inventory of Peer*

and Parental Attachment (IPPA) através do método de rotação *Varimax*. Foram encontrados 3 fatores que explicam 54,820% dos resultados obtidos.

O fator I, designado por Comunicação e é misto. Este apresenta 13 itens dos quais 8 (itens 16, 2, 3, 7, 25, 17, 24 e 1) correspondem à dimensão da Comunicação e 5 (itens 15, 19, 6, 14 e 12) à dimensão da Confiança. Este fator explica 40,530% da variância total dos resultados.

O fator II, designado por Confiança e é misto. Este apresenta 8 itens dos quais 4 (itens 8, 13, 20 e 21) correspondem à dimensão da Confiança e 4 (itens 18, 23, 11 e 4) à dimensão da Alienação que se correlacionam negativamente. Este fator explica 8,870% da variância total dos resultados obtidos.

O fator III, designado por Alienação é puro e apresenta 2 itens (10 e 22) que se correlacionam negativamente. Este fator explica 5,420% da variância dos resultados obtidos.

O coeficiente de saturação (h^2) mínimo encontrado foi de 0,248 que corresponde ao item 4 e o máximo foi de 0,718 que corresponde ao item 16.

Tabela 8.

Análise fatorial em fatores comuns da escala IPPA (subescala dos pares), após rotação Varimax

Item/Dimensão	Fator			h^2
	I	II	III	

16 (Cm)	0,832			0,718
2 (Cm)	0,744			0,555
15 (Cf)	0,729			0,619
3 (Cm)	0,703			0,590
7 (Cm)	0,700			0,549
25 (Cm)	0,686			0,527
19 (Cf)	0,686			0,680
17 (Cm)	0,621			0,482
6 (Cf)	0,593			0,581
14 (Cf)	0,567			0,601
24 (Cm)	0,539			0,553
12 (Cf)	0,525			0,548
1 (Cm)	0,510			0,315
8 (Cf)		0,747		0,610
18 (A)		-0,746		0,558
13 (Cf)		0,686		0,575
23 (A)		-0,667		0,659
20 (Cf)		0,627		0,617
11 (A)		-0,603		0,487
4 (A)		-0,473		0,248
21 (Cf)		0,452		0,442
10 (A)			-0,736	0,547
22 (A)			-0,687	0,547
Val. Próp.	9,322	2,040	1,247	
% Val. Total	40,530	8,870	5,420	\sum Var = 54,820

Nota. Cf = Confiança; Cm = Comunicação; A = Alienação; H2 = Comunalidade; Val. Próp. = Valor Próprio; % Val. Total = Percentagem do Valor Total; \sum Var = Somatório da Variância

4.3. Avaliar se existem diferenças na autoestima em função do sexo

Quanto ao objetivo 3, recorreu-se a um teste *t* para amostras independentes para avaliar se existem diferenças na autoestima em função do sexo feminino e masculino.

Este teste é utilizado para comparar 2 grupos independentes ao nível de uma variável dependente (Martins, 2011).

De acordo com os resultados apresentados na tabela 9, há diferenças significativas entre o sexo feminino e o masculino face à autoestima, $t(106,609) = 4,852, p = 0,000$. Os participantes do sexo masculino têm valores de autoestima mais elevados.

Tabela 9.

Teste t para diferenças na Autoestima em função do sexo

	Feminino	Masculino			
	(<i>n</i> = 62)	(<i>n</i> = 46)	<i>t</i>	<i>df</i>	<i>p</i>
	<i>Média (Dp)</i>	<i>Média (Dp)</i>			
Autoestima (<i>score total</i>)	30,4 (8,4)	37,0 (5,9)	4,852	105,609	0,000

Nota. Dp = Desvio padrão; $p < 0,05$

4.4. Avaliar se existe relação entre a autoestima e a idade

Quanto ao objetivo 4, recorreu-se ao coeficiente de correlação de *Spearman* para avaliar a relação entre a autoestima em função da idade. Este teste é utilizado para comparar 2 variáveis ordinais ou 1 variável ordinal e 1 intercalar (Martins, 2011). De acordo com os resultados apresentados na tabela 10, a idade dos participantes não está associada à autoestima.

Tabela 10.

Correlação de Spearman entre Autoestima em função da idade

	Idade
Autoestima (<i>score total</i>)	0,228*

Nota: * $p < 0,05$

4.5. Avaliar se existe relação entre a autoestima e o nível socioeconómico

Quanto ao objetivo 5, recorreu-se a um teste t para amostras independentes e de acordo com os resultados, não há correlação entre a autoestima e com quem vivem os participantes, $r_s = 0,169$, $p = 0,081$.

4.6. Avaliar se na vinculação à mãe, ao pai e aos pares (comunicação, confiança e alienação) existem diferenças em função do sexo

Quanto ao objetivo 6, recorreu-se a um teste t para amostras independentes para avaliar se existem diferenças na vinculação à mãe, ao pai e aos pares (Comunicação, Confiança e Alienação) entre o sexo feminino e masculino.

De acordo com os resultados apresentados na tabela 11, existem diferenças entre o sexo feminino e o masculino face à vinculação à mãe ($\rho = 0,040$), confiança à mãe ($\rho = 0,020$), vinculação ao pai ($\rho = 0,010$), comunicação ao pai ($\rho = 0,049$) e confiança ao pai ($\rho = 0,011$) nomeadamente estes são a favor do sexo masculino. Existem ainda resultados a favor do sexo feminino face à alienação à mãe ($\rho = 0,008$) e à alienação ao pai ($\rho = 0,005$).

Tabela 11.

Teste t para diferenças entre o sexo em função das dimensões do IPPA

	Feminino		Masculino		t	df	ρ
	n	$M (Dp)$	n	$M (Dp)$			
Vinculação mãe	62	50,8 (16,9)	46	56,7 (12,5)	2,080	105,9	0,040
Comunicação mãe	62	28,4 (6,6)	46	29,3 (5,4)	0,712	106	0,478
Confiança mãe	62	34,4 (7,1)	46	37,4 (5,5)	2,370	106	0,020
Alienação mãe	62	12,0 (4,7)	46	10,0 (3,2)	-2,689	105,6	0,008
Vinculação pai	59	44,4 (18,6)	43	53,4 (14,5)	2,636	100	0,010

Comunicação pai	59	27,1 (7,1)	43	29,7 (5,9)	1,996	100	0,049
Confiança pai	59	33,6 (7,4)	43	36,9 (5,4)	2,587	100	0,011
Alienação pai	59	16,3 (5,9)	43	13,2 (4,7)	-2,842	100	0,005
Vinculação pares	62	59,2 (13,8)	46	58,3 (12,0)	-,344	106	0,731
Comunicação pares	62	33,1 (5,0)	46	31,3 (5,5)	-1,834	106	0,069
Confiança pares	62	39,4 (5,7)	46	38,9 (4,9)	-,486	106	0,628
Alienação pares	62	13,4 (4,6)	46	11,9 (3,4)	-1,929	105,9	0,056

4.7. Avaliar se na vinculação à mãe e ao pai (comunicação, confiança e alienação) existem diferenças em função de com quem vivem

Quanto ao objetivo 7, recorreu-se a um teste *t* para amostras independentes e de acordo com os resultados apresentados na tabela 12 não existem diferenças quanto a com quem vivem face à vinculação (Comunicação, Confiança e Alienação) à mãe e ao pai.

Tabela 12.

Teste t para diferenças entre com quem vivem em função das dimensões do IPPA

	Pai e Mãe		Mãe		<i>t</i>	<i>df</i>	ρ
	<i>n</i>	<i>M (Dp)</i>	<i>n</i>	<i>M (Dp)</i>			
Vinculação mãe	70	53,4 (13,5)	31	56,9 (16,3)	-1,129	99	0,261
Comunicação mãe	70	28,7 (5,5)	31	30,2 (6,7)	-1,188	99	0,238
Confiança mãe	70	35,8 (5,7)	31	36,8 (6,9)	-0,735	99	0,464
Alienação mãe	70	11,2 (4,0)	31	10,2 (4,3)	1,172	99	0,244
Vinculação pai	70	48,8 (16,2)	25	46,0 (20,6)	0,687	93	0,494
Comunicação pai	70	28,3 (6,3)	25	27,7 (7,4)	0,412	93	0,543
Confiança pai	70	35,2 (6,4)	25	34,4 (8,0)	0,527	93	0,599
Alienação pai	70	14,7 (5,0)	25	16,0 (7,0)	- 1,004	93	0,318

4.8. Verificar se existe relação entre a vinculação à mãe e ao pai (comunicação, confiança e alienação) e a vinculação aos pares (comunicação, confiança e alienação)

Quanto ao objetivo 8, recorreu-se ao coeficiente de correlação de *Pearson* para avaliar a relação entre a vinculação à mãe e ao pai (Comunicação, Confiança e Alienação) e a vinculação aos pares (Comunicação, Confiança e Alienação). Este teste é utilizado para comparar 2 variáveis intervalares (Martins, 2011).

A vinculação à mãe está positivamente correlacionada com a vinculação aos pares ($r = 0,404, \rho = 0,01$). Ainda, a vinculação ao pai está positivamente correlacionada com a vinculação aos pares ($r = 0,231, \rho = 0,05$).

Tabela 13.

Correlação de Pearson entre as dimensões da escala mãe e pai do IPPA em função das dimensões da escala dos pares do IPPA

		Escala		Subescalas	
		Pares		Pares	
		Vinculação	Comunicação	Confiança	Alienação
Escala mãe	Vinculação	0,404**	0,267**	0,397**	-0,405**
	Comunicação	0,440**	0,359**	0,425**	-0,365**
Subescalas mãe	Confiança	0,352**	0,202*	0,378**	-0,351**
	alienação	-0,285**	-0,139	-0,240*	0,400**
Escala pai	Vinculação	0,231*	0,181	0,124	-0,209**
	Comunicação	0,245*	0,186	0,241*	-0,217*
Subescalas pai	Confiança	0,207*	0,148	0,203*	-0,286**
	alienação	-0,178	-0,094	-0,123	0,302**

Nota: **A correlação é significativa no nível 0,01 (bilateral).

*A correlação é significativa ao nível 0,05 (bilateral).

4.9. Verificar se existe relação entre a vinculação à mãe, ao pai e aos pares (comunicação, confiança e alienação) e a autoestima

Quanto ao objetivo 9, recorreu-se ao coeficiente de correlação de *Pearson* para avaliar a relação entre a autoestima e a vinculação à mãe, ao pai e aos pares (comunicação, confiança e alienação).

A autoestima está positivamente correlacionada com a vinculação à ($r = 0,446, \rho = 0,01$), com a vinculação ao pai ($r = 0,403, \rho = 0,01$) e com a vinculação aos pares ($r = 0,389, \rho = 0,01$)

Tabela 14.

Correlação de Pearson entre a Autoestima em função das dimensões do IPPA

		Autoestima
Escala mãe	Vinculação	0,446**
Subescalas mãe	Comunicação	0,308**
	Confiança	0,478**
	Alienação	-0,433**
Escala pai	Vinculação	0,403**
Subescalas pai	Comunicação	0,341**
	Confiança	0,442**
	Alienação	-0,315**
Escala pares	Vinculação	0,389**
Subescala pares	Comunicação	0,146
	Confiança	0,377**
	Alienação	-0,536**

Nota: **A correlação é significativa no nível 0,01 (bilateral).

V | Discussão de resultados

Neste ponto irão ser discutidos e interpretados os resultados obtidos e apresentados anteriormente, comparando-os com a nossa revisão da literatura.

Quanto ao objetivo 1, estudar as qualidades psicométricas da escala *Adolescent Self-esteem Questionnaire* (ASQ), o estudo da consistência interna foi realizado através do cálculo do *Alfa de Cronbach*. De acordo com Maroco e Marques (2006) um instrumento é classificado como tendo fiabilidade apropriada quando o *Alfa de Cronbach* é de pelo menos 0,70, sendo razoável entre 0,7 e 0,8, bom entre 0,8 e 0,9 e em muito bom quando superior a 0,9. De acordo com os resultados, o valor do *Alfa de Cronbach* da dimensão itens positivos é considerado aceitável ($\alpha = 0,704$) e o da dimensão itens negativos é considerado bom ($\alpha = 0,863$). A escala total tem uma consistência interna considera boa ($\alpha = 0,867$). A versão original da escala *Adolescent Self-esteem Questionnaire* obteve um *alfa de Cronbach* de 0,91 que demonstrou muito boa consistência interna (Hafekost et al., 2017).

Quanto à análise fatorial, trata-se de uma técnica estatística utilizada na análise de dados cujo objetivo é estudar interdependências/correlações que existem entre as variáveis. A correlação entre uma variável é designada por carga fatorial e permite encontrar a comunalidade (h^2), ou seja, o quanto da variância de cada variável é explicada pelos fatores. Um dos pressupostos da análise fatorial exploratória é verificar se a sua aplicação tem validade para as variáveis e amostra escolhidas e para isso é feito o estudo do critério de *KaiserMeyer-Olkin* (KMO) também conhecido como o índice de adequação da amostra. Ou seja, o índice indica o quão adequada é a aplicação da análise fatorial exploratória. Resultados superiores a 0,8 são considerados muito bons (Hongyu, 2018;

Damásio, 2012). O KMO da escala ASQ é superior a 0,8, ou seja, é considerado muito bom e suscetível da aplicação da análise exploratória fatorial.

Para extração dos fatores da escala ASQ foi utilizado o mesmo método dos autores, neste caso o método de rotação Direct Oblimin. Foram extraídos 2 fatores caracterizados pelos mesmo itens tal como Hafekost et al. (2017) sugerem.

Os autores referem ainda que a identificação de dois fatores na escala ASQ não correspondem a diferentes dimensões existentes da autoestima, são relativos aos estilos dos itens (positivos e negativos). Deve-se ter em conta os valores de autoestima como um score total.

Podemos considerar, pelo acima exposto, que o instrumento tem boas qualidades psicométricas.

Quanto ao objetivo 2, estudar as qualidades psicométricas do *Inventory of Peer and Parental Attachment (IPPA)*, o estudo da consistência interna da escala IPPA foi realizado através do cálculo do *Alfa de Cronbach*. Na subescala da mãe constatou-se que os valores da consistência interna da vinculação e das respetivas dimensões (Comunicação, Confiança e Alienação) foram bons. A subescala do pai obteve valores de consistência interna da vinculação e das respetivas dimensões (Comunicação, Confiança e Alienação) bons e muito bons. Por fim, na subescala dos pares obteve valores da consistência interna da vinculação e das respetivas dimensões (Comunicação, Confiança e Alienação) razoáveis e bons.

Quanto à análise fatorial das subescalas da mãe, do pai e dos pares, primeiramente, foi feito o estudo do critério de *KaiserMeyer-Olkin (KMO)* que apresentou valores superiores a 0,8 nas três, ou seja, muito bons e suscetíveis da aplicação da análise exploratória fatorial.

Para extração dos fatores das subescalas da mãe, do pai e dos pares foi utilizado o mesmo método que os autores, neste caso a rotação através do método *Varimax*. Comparando a análise fatorial dos autores da escala IPPA com a deste estudo constaram-se algumas diferenças. Na subescala da mãe, foram extraídos 3 fatores que explicam resultados obtidos tal como Armsden e Greenberg (1987). No fator I e II, nomeadamente o fator da confiança da comunicação, foram encontrados itens que se correlacionavam negativamente, respetivamente o item 1, 18 e 17 que são considerados por Armsden e Greenberg (1987) como pertencentes à dimensão alienação. Pode-se assim concluir que existe uma forte correlação negativa entre estes itens e a dimensão da confiança e dimensão da comunicação, ou seja, que quando existe um nível elevado de comunicação e confiança, a alienação tende a diminuir. Também este instrumento tem boas qualidades psicométricas.

Quanto ao objetivo 3, avaliar se existem diferenças na autoestima em função do sexo, os resultados obtidos permitem referir que existem diferenças, nomeadamente, a média dos valores de autoestima foi superior no sexo masculino. Os resultados sugerem que os rapazes apresentam níveis mais elevados de autoestima do que as raparigas. Estes resultados são corroborados pelos estudos de Feliciano e Afonso (2012), pelo de Hafekost et al. (2017) e de Minev et al. (2018)

Os resultados do presente estudo são ainda corroborados por Quiles e Espada (2009), que referem que as transformações físicas que ocorrem na adolescência parecem influenciar mais as raparigas do que os rapazes, o que se pode repercutir numa autoestima inferior nestas. Esta diferença pode estar relacionada com o papel que a maturação inerente à puberdade desempenha na autoestima e que, socialmente, é muito diferente entre sexos. Ou seja, as raparigas passam por uma fase de aceitação da sua imagem corporal e da aceitação dos pares e da imagem estereotipada da sociedade (Feliciano &

Afonso, 2012). Os rapazes, por norma, durante a adolescência são mais desinibidos, constroem relações de vinculação com os pares também elas mais desinibidas e mais focadas na integração grupal. Enquanto isso as raparigas procuram mais as relações entre elas e criam vínculos mais emocionais (Feliciano & Afonso, 2012).

Nos resultados obtidos para o objetivo 4, avaliar se existe relação entre a autoestima e a idade podemos verificar que existe uma relação, ou seja, os resultados sugerem que os adolescentes mais velhos apresentam níveis de autoestima mais elevados. Resultados esse que vão de acordo aos estudos de Feliciano e Afonso (2012) e de Hafekost et al. (2017). Estes autores concluíram com base nos seus resultados que os participantes mais velhos têm valores de autoestima mais elevados do que os adolescentes mais novos.

A evolução da autoestima na adolescência pode-se representar, segundo Marsh (1992), por uma curva em forma de “U”, evidenciando um declínio da autoestima no início da adolescência, que se reverte e que aumenta no seu final e início da idade adulta. O declínio inicial é explicado pelas mudanças causadas pela puberdade. No final da adolescência, contudo é esperado que já tenham sido alcançados alguns desafios psicossociais que levam a que o adolescente se sinta mais confortável consigo mesmo. Nomeadamente com o desenvolvimento psicossocial é expectável que o adolescente seja cada vez mais autónomo e menos influenciado pela família e pares ao contrário do que acontece na fase inicial da adolescência (Anastácio & Lima, 2015).

Quando consideramos o objetivo 5, avaliar se existe relação entre a autoestima e o nível socioeconómico, verificamos que não existe relação entre a autoestima e o nível socioeconómico o que está de acordo com o estudo de Monteiro et al. (2012) em que referem que o apoio familiar e social dado pode atenuar possíveis consequências de

contextos mais desfavorecidos onde os adolescentes estejam inseridos, Estas redes de apoio podem atenuar possíveis consequências do baixo nível socioeconómico.

Por outro lado, estes resultados não são corroborados pelo estudo de Taberero, Serrano e Mérida (2017). Os autores concluíram que as crianças que vivem num contexto com um nível socioeconómico mais baixo têm pontuações de autoestima e de autoavaliação pessoal superiores às crianças de níveis socioeconómicos mais elevados. Isto sugere que em níveis socioeconómicos superiores existirá um nível de comparação elevado que influenciará a perceção que cada um tem de si, nomeadamente a autoestima.

Já em relação ao objetivo 6, avaliar se na vinculação à mãe, ao pai e aos pares (Comunicação, Confiança e Alienação) existem diferenças em função do sexo de acordo com os resultados obtidos existem diferenças na vinculação à mãe e ao pai quando consideramos o sexo dos participantes. Nomeadamente os rapazes apresentam maiores níveis de vinculação à mãe, confiança à mãe, vinculação ao pai, comunicação ao pai e confiança ao pai. Quanto à vinculação aos pares não são apresentadas diferenças significativas. Estes resultados estão de acordo com o estudo de Anastácio e Lima (2015). Também estes autores apontam que os rapazes obtiveram resultados mais elevados quando à vinculação à mãe e ao pai em comparação com as raparigas.

Já o estudo de Matos e Costa (2006) corrobora o resultado de que não há diferenças na vinculação aos pares quanto ao sexo, mas não corroboram a existência de diferenças entre os sexos no domínio das relações com os pais. Isto pode ser explicado pela desconstrução gradual da definição de papéis.

No que concerne ao objetivo 7, avaliar se existem diferenças na vinculação à mãe e ao pai (Comunicação, Confiança e Alienação) em função de com quem vivem os resultados apontam para a não existência de diferenças na vinculação à mãe e ao pai em

função de com quem vivem, o que pode ser explicado pelo facto de a amostra ser maioritariamente constituída por participantes que vivem habitualmente com o pai e a mãe ou figuras correspondentes.

Contudo, Moura e Matos (2008) afirmam que a qualidade do relacionamento entre a criança e a figura parental que não tem a custódia da criança/adolescente (que normalmente costuma ser o pai) tem tendência a criar lacunas. Isto porque, tendencialmente, o envolvimento e o contacto, ao longo do tempo, torna-se mais reduzido. Por outro lado, o relacionamento com a figura parental que tem a custódia da criança/adolescente (que normalmente costuma ser a mãe) não parece ser afetada com a separação/divorcio dos pais.

Perante fatores de risco como os enumerados no início do parágrafo anterior, a forma como a criança/adolescente vai lidar com as situações, em muito tem a ver com a sua idade, desenvolvimento cognitivo e ferramentas familiares e sociais que lhe vão ser dadas.

Em relação ao objetivo 8 propusemo-nos verificar se existe relação entre a vinculação à mãe e ao pai (Comunicação, Confiança e Alienação) e a vinculação aos pares (Comunicação, Confiança e Alienação) e verificamos que existem relações entre a vinculação à mãe e ao pai e a vinculação aos pares. Estes resultados são corroborados pelos estudos de Matos e Costa (2006) e de Harris & Orth (2019). Os autores concluíram que quando o adolescente é capaz de integrar as experiências emocionalmente significativas ocorridas na história da sua vida familiar, construindo um sentido para a sua relação com a família, as relações com os pares tendem a ser mais seguras.

No que tange ao objetivo 9, verificar se existe relação entre a vinculação à mãe, ao pai e aos pares (Comunicação, Confiança e Alienação) e a autoestima os resultados

apontam para a existência de relações entre a vinculação à mãe, ao pai e aos pares e a autoestima. Resultados corroborados pelos estudos de Mota e Matos (2009), Rocha, Mota e Matos (2011), Bigas (2016) e Harris & Orth (2019) que apontam que as relações interpessoais e os valores de autoestima são verdadeiramente recíprocos ao longo da vida. Isto reflete uma relação positiva entre os dois construtos.

De acordo com Pinheiro e Ferreira (2001), a percepção de aceitação da família (particularmente dos pais) e dos amigos apresenta fortes associações com a auto-estima. Por seu turno, uma percepção elevada quer de aceitação quer de auto-estima parecem associar-se a uma vinculação segura, confirmando a hipótese de que os modelos de vinculação podem ser significativos para a avaliação global do self (Rocha, Matos & Costa, 2011).

Síntese

Com a realização deste estudo tínhamos como principal objetivo avaliar as relações entre a autoestima e a vinculação à mãe, ao pai e aos pares em adolescentes.

Para a realização desta investigação, iniciou-se uma intensa pesquisa da literatura a partir da leitura de artigos científicos, livros e publicações científicas relacionadas com o objetivo do estudo. Posteriormente foi elaborado um projeto de investigação e apresentando à Comissão de Ética da Universidade Fernando Pessoa. Quanto à recolha de dados pedimos autorização à direção de uma Escola Secundária do Grande Porto. Posto isto, com a autorização dos professores e o consentimento dos alunos aplicamos três questionários: um Questionário Sociodemográfico, a escala *Adolescent Self-esteem Questionnaire* e a escala *Inventory of Peer and Parental Attachment*. Participaram, no estudo, 108 adolescentes do 10º, 11º e 12º ano dos 15 aos 18 anos. Após a recolha de informação, introduzimos os dados numa base de dados previamente elaborada em SPSS, para procedermos à análise e interpretação de todos os dados obtidos.

Os principais resultados apontam para a existência de diferenças significativas quando se relaciona a autoestima com o sexo e a idade dos adolescentes. No que diz respeito à vinculação existem relações significativas em função do sexo. Foi encontrada uma relação positiva entre a vinculação à mãe e ao pai e a vinculação aos pares. Foi também encontrada uma relação positiva entre a vinculação à mãe, ao pai e aos pares e a autoestima.

Conclusão Geral

A adolescência é caracterizada por uma etapa de mudanças físicas, cognitivas, psicológicas e socioculturais. Ocorrem, assim, alterações ao nível das competências cognitivas e sociais com impacto nas autoperceções que os adolescentes têm. Deste modo, o autoconceito e a autoestima assumem-se como construtos fundamentais a considerar, nesta fase do desenvolvimento (Cruz et al., 2016).

A conquista de desafios psicossociais pelos adolescentes como a individualidade e a autonomia traduz-se na necessidade de reestruturar as relações com os pais e estabelecer novas relações. A adolescência é um momento de serem criados novos laços com os pares e no culminar do estabelecimento de relações amorosas, não deixando de parte a inserção em grupos e o contacto com novas experiências (Machado et al., 2008).

O que permite, na adolescência, a construção da identidade, é o saber quem se é, de onde se veio e onde se quer ir. Assim, o adolescente, só tem esta liberdade se tiver presente em si, os vínculos seguros que construiu com a sua família desde o nascimento e a predisposição de os aplicar nos novos relacionamentos que irá estabelecer (Machado et al., 2008).

Assim, partimos então da pergunta de partida: Será a autoestima um mediador da qualidade das relações de vinculação com a mãe, o pai e pares na adolescência? Para tal, foram elaborados os seguintes objetivos específicos: traduzir e estudar as qualidades psicométricas da escala ASQ e da escala IPPA; avaliar se existem diferenças na autoestima em função do sexo; avaliar se existe relação entre a autoestima e a idade; avaliar se existe relação entre a autoestima e o Nível Socioeconómico; avaliar se na vinculação à mãe, ao pai e aos pares (Comunicação, Confiança e Alienação) existem diferenças em função do sexo; avaliar se na vinculação à mãe e ao pai (Comunicação,

Confiança e Alienação) existem diferenças em função de com quem vivem; verificar se existe relação entre a vinculação à mãe e ao pai (Comunicação, Confiança e Alienação) e a vinculação aos pares (Comunicação, Confiança e Alienação) e verificar se existe relação entre a vinculação à mãe, ao pai e aos pares (Comunicação, Confiança e Alienação) e a autoestima.

A recolha de dados para este estudo foi realizada presencialmente numa Escola Secundária do Grande Porto. Participaram, no estudo, 108 adolescentes do 10º, 11º e 12º ano dos 15 aos 18 anos com o consentimento dos encarregados de educação. Foram utilizados três instrumentos para o efeito, um Questionário Sociodemográfico, a escala *Adolescente Self-esteem Questionnaire* e a escala *Inventory of Peer and Parental Attachment* com a devida autorização dos autores.

Após a recolha de dados, estes foram introduzidos numa base de dados previamente criada no SPSS, para procedermos à análise e interpretação da informação obtida.

Os objetivos a que nos propusemos foram alcançados, mas nem todos foram de encontro às investigações realizadas na área. Temos ainda a considerar que algumas das respostas dadas pelos participantes podem estar sujeitos à desejabilidade da relação com os pais e pares.

Assim, como principais resultados temos que:

- a escala ASQ obteve um *alfa de cronbach* de 0,867, apresentando uma boa consistência interna;

- a subescala da mãe do IPPA obteve um *alfa de cronbach* total de 0,711 e as respetivas dimensões: Comunicação de 0,801, Confiança de 0,867 e Alienação de 0,735 que são considerados bons;
- a subescala do pai do IPPA obteve um *alfa de cronbach* total de 0,906 e as respetivas dimensões: Comunicação de 0,860, Confiança de 0,903 e Alienação de 0,853 que são considerados bons e muito bons.
- a subescala dos pares do IPPA obteve um *alfa de cronbach* total de 0,736 e as respetivas dimensões: Comunicação de 0,865, Confiança de 0,897 e Alienação de 0,703 que são considerados razoáveis e bons.
- verificaram-se diferenças na autoestima quanto ao sexo, nomeadamente, a média dos valores de autoestima foram superiores nos rapazes;
- verificaram-se diferenças na autoestima quanto à idade, nomeadamente, os participantes mais velhos apresentam níveis de autoestima mais elevados;
- não se verificaram diferenças na autoestima quanto ao nível socioeconómico dos participantes;
- verificaram-se diferenças na vinculação à mãe e ao pai quanto ao sexo dos participantes, nomeadamente os rapazes apresentam maiores níveis de vinculação à mãe, confiança à mãe, vinculação ao pai, comunicação ao pai e confiança ao pai;
- não se verificaram diferenças na vinculação aos pares quanto ao sexo dos participantes;
- não se verificaram diferenças na vinculação à mãe e ao pai em função de com quem vivem habitualmente os participantes;

- verificou-se uma relação positiva entre a vinculação à mãe e ao pai e a vinculação aos pares;

- verificou-se uma relação positiva entre a autoestima e a vinculação à mãe, ao pai e aos pares.

Como limitações para este estudo, podemos indicar a ausência de uma amostra heterogénea em termos do nível socioeconómico e das pessoas com quem vivem habitualmente os participantes. Teria sido interessante aumentar o intervalo de idades dos adolescentes e recolher dados em mais do que uma escola, sendo estas as pistas para novos estudos. Quanto à aplicabilidade dos resultados seria interessante se realizarem formações nas escolas sobre a importância da vinculação aos pais e como esta pode influenciar a autoestima dos filhos e as suas relações.

Consideramos os estudos nesta área bastante pertinentes numa época pautada por diversas mudanças. Cada vez mais o consumo de redes sociais pelas crianças e adolescentes se torna uma preocupação para o desenvolvimento da autoestima. Também as novas estruturas familiares e funções evoluíram. Assim foi interessante cruzar as variáveis da autoestima e da vinculação pais e pares.

Referências bibliográficas

- Ainsworth, M. (1978). The Bowlby-Ainsworth attachment theory. *Behavioral and Brain Sciences*, 1(3), 436-438.
- Anastácio, S. & Nobre, L. (2015). A relação entre a vinculação ao pai e à mãe e a empatia no início da adolescência. *Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente*, 6(1), 109-123.
- Baptista, M., Baptista, A. & Dias, R. (2001). Estrutura e suporte familiar como fatores de risco na depressão de adolescentes. *Psicologia: ciência e profissão*, 21(2).
- Bigas, A. (2016). *A relação entre a qualidade da vinculação aos pais, auto-estima, auto-conceito em pré-adolescentes*. Instituto Universitário, Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida.
- Bowlby, J. (1958). The nature of the child's tie to his mother. *International Journal of PsychoAnalysis*, 39, 350-373.
- Bretherton, I. (1992). The origins of attachment theory: John Bowlby and Mary Ainsworth. *Developmental Psychology*, 28, 759-775.
- Cardoso, J. & Veríssimo, M. (2013). Estilos parentais e relações de vinculação. *Análise Psicológica*, 4(31), 393-406.
- Carvalho, J., & Costa, A. (2018). *Relações entre pais e pares e o uso de tecnologias pelas crianças e adolescentes*. Universidade Fernando Pessoa.
- Costa, R., Lamela, D. & Figueiredo, B. (2009). Psychosocial adjustment and physical health in children of divorce. *Jornal de Pediatria*, 85(5), 385-396.

- Cruz, M., Santos, L. & Rodrigues, L. (2016). O autoconceito e autoestima de adolescentes praticantes de modalidades náuticas. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 17(3), 389-402.
- Custódio, S., Domingues, C., Vicente, L., Silva, M., Dias, M. & Coelho, C. (2010). Autoconceito/autoestima e vinculação nas relações de namoro em estudantes do ensino secundário. *Atas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia*, 1615-1628.
- Damásio, B. (2012). Uso da análise exploratória fatorial em psicologia. *Avaliação Psicológica*, 11(2), 213-228.
- Dykas, M., Ziv, Y. & Cassidy, J. (2008). Attachment and peer relations in adolescence. *Attachment & Human Development*, 10(2), 123-141.
- Feliciano, I. & Afonso, R. (2012). Estudo sobre a autoestima em adolescentes dos 12 aos 17 anos. *Psicologia, Saúde e Doenças*, 13(2), 252-265.
- Ferreira, M. & Nelas, B. (2006). Adolescências... Adolescentes. *Educação, ciência e tecnologia*, 32(1), 141-162.
- Ferreira, T. & Farias, M. (2010). Adolescência através dos séculos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26 (2), 227-234.
- Ferronha, C. & Pereira, N. (2016). Estudo da vinculação e da raiva em adolescentes institucionalizados na área do porto. *International Journal of Developmental and Educational Psychology INFAD Revista de Psicología*, 1(1), 161-172.
- Freitas, M., Santos, A., Ribeiro, O., Pimenta, M. & Rubin, K. (2018). Qualidade da amizade na adolescência e ajustamento social no grupo de pares. *Análise Psicológica*, 2(36), 219-234.

- Fuertes, M. (2012). Vários olhares sobre as diferenças na vinculação e contributos para a intervenção precoce. *Da Investigação às Práticas*, 2 (1), 23-50.
- Granja, M. & Mota, C. (2018). Estilos parentais e vinculação amorosa: efeito mediador do bem-estar psicológico em jovens adultos. *Avances en Psicología Latino americana*, 36(1), 93-109.
- Haack, K., Vasconcellos, J., Pinheiro, S. & Prati, L. (2012). Resiliência em adolescentes em situação de vulnerabilidade social. *Revista Interinstitucional de Psicologia*, 5(2), 270-281.
- Hafekost K., Boterhoven de Haan K., Lawrence, D., Sawyer M.G. & Zubrick S.R. (2017). *Validation of the Adolescent Self-Esteem Questionnaire: Technical Report*. The University of Western Australia.
- Harris, M. & Orth, U. (2019). The Link Between Self-Esteem and Social Relationships: A Meta-Analysis of Longitudinal Studies. *Journal of Personality and Social Psychology*. <http://dx.doi.org/10.1037/pspp0000265>
- Jones, S. (2016). Attachment Theory. *The International Encyclopedia of Interpersonal Communication*.
- Khalek, A. (2016). Introduction to the psychology of self-esteem. *Self-esteem*, 1-23.
- Machado, C., Branco, V. & Sousa, A. (2008). Adolescência – da vinculação à individuação. *INFAD Revista de Psicología*, 1, 211-216.
- Machado, T. & Oliveira, M. (2007). Vinculação aos pais em adolescentes portugueses: o estudo de Coimbra. *Psicologia e Educação*, 6(1), 97-115.
- Maroco, J. & Marques, T. (2006). Qual a fiabilidade do alfa de Cronbach? Questões antigas e soluções modernas?. *Laboratório de Psicologia I.S.P.A.*, 4(1), 65-90.

- Martins, C. (2011). *Manual de análise de dados quantitativos com recurso ao IBM SPSS*. 1ª Edição, Psiquilíbrios Edições.
- Matos, P. & Costa, M. (2006). Vinculação aos pais e ao par romântico em adolescentes. *Psicologia*, 20(1).
- Minev, M., Petrova, B., Mineva, K., Petkova, R. & Strebkova, R. (2018). Self-esteem in adolescents. *Trakia Journal of Sciences*, 2, 114-118.
- Monteiro, R., Azevedo, L., Sobreiro, R. & Constantino, P. (2012). Autoestima e resiliência dos adolescentes da margem da linha: redes de apoio social como fator de proteção. *Perspetivas: biologia e saúde*, 4(2), 41-55.
- Mota, C. & Matos, P. (2009). Apego, Conflito, e Autoestima em Adolescentes de Famílias Intactas e Divorciadas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22(3), 344-352.
- Neves, S. & Faria, L. (2009). Autoconceito e autoeficácia: semelhanças, diferenças, inter-relação e influência no rendimento escolar. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais*, 206-218.
- Ogihara, Y. & Kusumi T. (2020). The Developmental Trajectory of Self-Esteem Across the Life Span in Japan: Age Differences in Scores on the Rosenberg Self-Esteem Scale From Adolescence to Old Age. *Frontiers Public Health*, 8(132).
- Paixão, R., Patias, N. Dell’Aglío, D. (2018). Autoestima e Sintomas de Transtornos Mentais na Adolescência: Variáveis Associadas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 34(34436).
- Papalia, D., Olds, S & Fieldman, D. (2006). *Desenvolvimento humano*. Artmed.
- Pereira, A., Shitsuka, D., Parreira, F. & Shitsuka, R. (2018). *Metodologia da Pesquisa Científica*. Universidade Federal de Santa Maria.

- Pratta, L. & Santos, M. (2007). Amigos e adolescência: a influencia do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. *Psicologia em estudo*, 12(2), 247-256.
- Rocha, M., Mota, C. & Matos, P. (2011). Vinculação à mãe e ligação aos pares na adolescência: o papel mediador da autoestima. *Análise Psicológica*, 2(19), 185-200.
- Santos, L., Araújo, P., Gomes, T., Góis L., Ferreira. & Maia, E. (2008). Resiliência e auto-estima em idosos assistidos na rede de atenção básica de saúde em natal.
- Sbicigo, J., Bandeira, D. & Aglio, D. (2010). Escala de Autoestima de Rosenberg (EAR): validade fatorial e consistência interna. *Psico-USF*, 15(3), 395-403.
- Silva, N. (2014). *Teoria da Vinculação*. Faculdade de Medicina da Universidade do Porto.
- Tabernerero, C., Serrano, A. & Mérida, R. (2017). Estudio comparativo de la autoestima en escolares de diferente nivelsocioeconómico. *Psicología Educativa*, 23, 9–17.
- Wilkinson, R. (2004). The Role of Parental and Peer Attachment in the Psychological Health and Self-Esteem of Adolescents. *Journal of Youth and Adolescence*, 33(6), 479–493.

Anexos

Anexo A

Consentimento informado para
menores de 18 anos

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Designação do Estudo (em português):

Relações de vinculação ao pai, à mãe e
aos irmãos e a autoestima em adolescentes
dos 14 aos 18 anos

Eu, abaixo-assinado (nome completo) _____

responsável pelo participante no projecto (nome completo) _____

_____, compreendi a explicação que me foi fornecida acerca da sua participação na investigação que se tenciona realizar, bem como do estudo em que será incluído. Foi-me dada oportunidade de fazer as perguntas que julguei necessárias, e de todas obtive resposta satisfatória.

Tomei conhecimento de que a informação ou explicação que me foi prestada versou os objectivos e os métodos. Além disso, foi-me afirmado que tenho o direito de recusar a todo o tempo a sua participação no estudo, sem que isso possa ter como efeito qualquer prejuízo pessoal.

Foi-me ainda assegurado que os registos em suporte papel e/ou digital (sonoro e de imagem) serão confidenciais e utilizados única e exclusivamente para o estudo em causa, sendo guardados em local seguro durante a pesquisa e destruídos após a sua conclusão.

Por isso, consinto em participar no estudo em causa.

Data: ____/____/20__

Assinatura do Responsável pelo participante no projecto: _____

O Investigador responsável:

Nome: *Cátia Isabela Oliveira Santos*

Assinatura: *Cátia Santos*

Comissão de Ética da Universidade Fernando Pessoa

Anexo B

Consentimento informado para
maiores de 18 anos

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Designação do Estudo (em português):

*Relações de vinculação do pai, à mãe e
dos pais e a avózinha em adóscitos
dos 14 aos 18 anos*

Eu, abaixo-assinado, (nome completo do participante no estudo) _____

compreendi a explicação que me foi fornecida acerca da participação na investigação que se tenciona realizar, bem como do estudo em que serei incluído. Foi-me dada oportunidade de fazer as perguntas que julguei necessárias, e de todas obtive resposta satisfatória.

Tomei conhecimento de que a informação ou explicação que me foi prestada versou os objectivos e os métodos. Além disso, foi-me afirmado que tenho o direito de recusar a todo o tempo a minha participação no estudo, sem que isso possa ter como efeito qualquer prejuízo pessoal.

Foi-me ainda assegurado que os registos em suporte papel e/ou digital (sonoro e de imagem) serão confidenciais e utilizados única e exclusivamente para o estudo em causa, sendo guardados em local seguro durante a pesquisa e destruídos após a sua conclusão.

Por isso, consinto em participar no estudo em causa.

Data: ____/____/20__

Assinatura do participante no projecto: _____

O Investigador responsável: CC

Nome: *Cátia Isabella Oliveira Santos*

Assinatura: *Cátia Santos*

Comissão de Ética da Universidade Fernando Pessoa

Anexo C

Ficha informativa para encarregados
de educação



Ficha informativa para encarregados de educação

Eu, Cátia Santos, estou a realizar a minha dissertação de mestrado na Universidade Fernando Pessoa sob a orientação da Professora Doutora Ana Costa.

O objetivo geral da minha dissertação é de relacionar a vinculação ao pai, à mãe e aos pares com a autoestima em adolescentes dos 14 aos 18 anos. Desta forma e com a autorização prévia da direção da Escola Secundária de Águas Santas, solicito assim, aos encarregados de educação o consentimento informado para que os vossos educandos possam participar nesta investigação através do preenchimento anónimo e confidencial de questionários de avaliação.

Estou ao dispor para qualquer esclarecimento através do email: 33871@ufp.edu.pt.

Com os melhores cumprimentos,

A investigadora responsável,

Cátia Santos

Anexo D

Norma do Nível Socioeconómico

AValiação DO Estatuto Sócio-Económico

OCUPAÇÃO

1 - ALTO

Alta Administração do Estado

(Chefia ministerial, deputados, juizes e magistrados, directores gerais, etc.);

Direcção e pessoal superior dos quadros da Administração Pública

(Directores, inspectores e chefes de serviço do Estado, dos corpos administrativos e de coordenação económica);

Direcção Administrativa de Empresas Privadas

(Administradores, directores, inspectores gerais, gerentes e chefes de serviço, etc.);

Direcção Técnica de Empresas Privadas

(Técnicos diplomados, responsáveis, engenheiros, economistas, consultores jurídicos, agentes técnicos, preparadores de serviço, etc.);

Entidades exercendo uma profissão liberal, técnicos e equiparados

(Catedráticos, doutores, licenciados com alta posição, advogados com cartório, médicos com clínica própria, arquitectos com estúdio próprio, etc.);

Proprietários de grandes explorações agrícolas;

Industriais com empresas de grande dimensão;

Directores e grandes artistas de Artes

(Teatro, cinema, bailado, música, etc.);

Escritores e Poetas de renome nacional comprovado;

Escultores e Decoradores de reconhecida categoria;

Pintores de arte, oficialmente galardoados;

Altas personalidades ou Clero secular católico;

Diplomatas e Cônsules do Corpo Diplomático acreditado em Portugal.

2 - MÉDIO-ALTO

Licenciados com posição média

(Assistentes universitários, professores do ensino secundário, químicos contratados, engenheiros agrónomos e silvicultores, médicos veterinários, notários, etc.);

Pessoal dos quadros da Administração Pública de média categoria

(Chefes de repartição, chefes de secção, funcionalismo público de carteira com posição destacada, etc.);

Pessoal dos quadros administrativos e técnicos de Empresas Privadas, sem funções directivas mas com posições destacadas em Bancos, Seguros, Comércio e Indústria

(Contabilista, chefe de escritório, oficiais administrativos, tesoureiros, etc.);

Jornalistas, intérpretes e guias acreditados pelas entidades oficiais;

Técnicos de teatro, cinema, rádio e televisão. Artistas de 2º plano;

Religiosos regulares católicos;

Professores de instrução primária;

Profissões de carácter intelectual;

Pessoal superior das equipagens de barcos e aeronaves

(Comandantes, pilotos, comissários de bordo, hospedeiras, etc.);

Modelos e manequins de alta costura.

3 - MÉDIO

Proprietários de pequenas indústrias;

Proprietários de exploração agrícola de pequena e média dimensão;

Proprietários de indústrias domésticas. Proprietários de pensões e restaurantes;

Comerciantes e vendedores da pequena indústria;

Proprietários de institutos de beleza ou cabeleiros, de alfaiatarias, etc.;

Empregados de escritório. Empregados de comércio e indústria;

Angarinhos e agentes comerciais. Caixeiros viajantes e compradores por conta de outrem;

Capatazes e contramestres, verificadores e controladores de trabalho;

Proprietários ou agricultores que trabalham eles próprios as suas terras;

Regentes agrícolas;

Capitães e mestres de embarcação. Radiotelegrafistas, etc.;

Produtores e solicitadores;

Despachantes de mercadorias;

Empreiteiros de obras e serviços.

4 - MÉDIO-BAIXO

Operário e trabalhadores qualificados, especializados

(Pintores, mecânicos, torneiros, maquinistas, cinzeladores, compositores de vidro, compositores tipográficos, afinadores de instrumentos musicais, litógrafos, metalúrgicos, ourives de ouro e prata, relojeiros, tecelões, marceneiros, corticeiros, entalhadores, esmaltadores, electricistas, etc.);

Operários e trabalhadores qualificados semi-especializados

(Motoristas, empregados de café, barbeiros, pescadores, caçadores, silvicultores, mineiros, operários de pedreiras e equiparados, etc.);

Agentes de cais, carteiros e boletineiros;

Arrendatários, rendeiros e parceiros de pequena exploração;

Comerciantes de infima categoria (quiosques, vendas, etc.);

Damas de companhia, perceptores e governantes;

Sacristães, sineiros e ajudantes de culto;

Feitores e administradores agrícolas;

Criadores e tratadores de gado.

5 - BAIXO

Trabalhadores não especializados

(Jornaleiros, ceifeiros, varredores, serventes, ajudantes de motorista, etc.);

Serviços domésticos;

Contínuos, paquetes, guardas nocturnos, porteiros;

Caixeiros de praça, caixeiros de balcão de baixa categoria;

Magarefes, costureiras e aprendizes;

Vendedores ambulantes, engraxadores.

INSTRUÇÃO

- 1 - Alto: Universitária, Escolas Superiores, etc.;
- 2 - Médio-Alto: Bacharelato, Curso Secundário (12º ano);
- 3 - Médio: Escolas Profissionais, Ensino Básico (9º ano);
- 4 - Médio-Baixo: Instrução Primária;
- 5 - Baixo: Instrução Primária incompleta ou nula.